

Ficha técnica

Emília (Horto, Rio de Janeiro)

Entrevista realizada pelo Projeto Memórias (ITERJ)

**Transcrição feita por Natasha Barbosa e Mario Brum - Projeto de Extensão UERJ
- História e Memórias da Luta pela Terra e Moradia**

Entrevistado: Emília (E)

Entrevistadores (ITERJ): Álvaro Ferreira (A), Hermínia (H), Maria Carolina Amendolara (C), Marcos Aquino (MA).

Data: 12/09/2018

Duração: 1:35:48 parte 1

Local:

Páginas: 36

Revisão: Mario Brum e Ivie Mendonça

[00:00:02]

Álvaro (A): Aparentemente eles chegaram até a mencionar o Zanoni. O Zanoni foi um grande designer de madeira... eles queriam...¹

Hermínia (H): E era muito bom.

(A): Exatamente. Eles queriam fazer o projeto...

(H): E ele não estudou né?

(A): Não, ele não tem formação. Recebeu depois... E eles tinham essa ideia.

Álvaro (A): Eu até pus isso no laudo, porque... Mais como ia ser essa recepção? Será que também seria uma forma de discurso? Construção de madeira aqui no Sudeste era visto como algo precário. E o próprio governo federal, naquela ideia de moradias provisórias que seriam pra substituir as favelas nos anos setenta, tinham projetos em madeira. Mas pelo visto esses projetos não chegaram à comunidade, né?

Emília (E): Se tivesse chegado não teria mais casa, agora tem uma onda de cupim lá tremenda. [risos 00:00:50].

¹ O começo da gravação é uma conversa informal entre a equipe de entrevistadores e entrevistada.

Carolina (C): *Emília, você conhece... não sei se o pessoal já falou do que se trata essa entrevista, esse projeto. O Marcos falou mais ou menos?*

Emília (E): *Falou mais ou menos.*

(C): *Então, é um projeto que vem desde dois mil e quinze aqui no ITERJ, de entrevistas com lideranças, que a gente chama assim, pessoas que tiveram protagonismo aí nessa luta, por questões de moradia, terra... Já teve uma fase, que a gente chamou de primeira fase do projeto, que a gente entrevistou algumas lideranças, agora a gente já tá numa segunda fase entrevistando outras que não foram... enfim a gente precisou ter uma certa divisão mesmo, pra não ficar uma coisa muito atropelada. E é um resgate de memória, tanto que chama projeto Memória, e a gente tem interesse de ter um acervo aqui no ITERJ de toda luta, uma coisa assim da História contada né, pelas pessoas e não pela instituição. E sim, pelos protagonistas de fato que são vocês no final das contas. É mais ou menos isso, a gente vai ter um livro que vai ser lançado digitalmente da primeira fase, e essa segunda a gente também comece a escrever artigos a partir dos relatos, enfim, pra que essa memória fique viva [trecho inaudível 00:02:48] E possa inspirar mesmo as pessoas hoje, e as futuras gerações. A gente sabe muito bem que esse problema não é... um problema que tá longe de ser resolvido no Brasil, no Rio de Janeiro. Então, a gente acha importante ter essa história gravada, contada, enfim... de uma forma de quem esteve realmente no centro da questão, que são vocês. Então, a gente vai começar assim, com perguntas bem básicas, justamente pra traçar esse perfil todo, o histórico da luta de vocês. Primeiramente, onde você nasceu?*

E: *Eu nasci na Baixada Fluminense, nasci é... em São João de Meriti. E cheguei no Horto eu tinha dois pra três anos idade. Todos os meus irmãos nasceram no Horto, eu sou a única que... sou originária da Baixada.*

(A): *Seus pais trabalhavam no quê?*

E: *Meu pai era funcionário do Jardim Botânico.*

(A): *No quê? O que ele fazia?*

E: *Ele era jardineiro.*

(C): *E a sua família é de onde?*

E: Olha, minha família... minha mãe é de Volta Redonda, e a família do meu pai é de Campos, em São Fidelis.

Hermínia (H): Então vocês foram pra lá por isso, funcionários...

E: Sim, aí nós fomos para o Horto, porque nós morávamos em São João de Meriti. Aí meu pai acordava todos os dias três horas da manhã né, pegava um trem pra estar as sete horas no... pegando as sete horas no Jardim Botânico e começar o serviço. Aí então ele foi convidado a morar no Horto, que assim, tinha uma casa que fica vaga no Morro das Margaridas, que era uma casa que morava o seu... senhor Mário Moreira, e ele conseguiu um outro local pra ele fazer uma casa, um local melhor, e a casa que ele morava no Morro das Margaridas ficou vaga. Aí então, o diretor passou a casa pro meu pai.

(H): Tinha muita gente morando lá, todos funcionários?

E: Sim, todos funcionários.

(C): Agora, antes disso, de ser funcionário do Jardim Botânico, seu pai trabalhava com o quê?

E: Meu pai antes de ser funcionário do Jardim Botânico ele trabalhava na... trabalhou numa fábrica, na América Fabril, mas não morava no Horto.

(C): Mais a origem da sua família, lá de Volta Redonda e... desculpa, do?

E: Minha mãe de Volta Redonda.

(C): Seu pai de Campos?

E: Meu pai de Campos.

(C): Eles faziam o que lá, a família, os antepassados, os avós?

E: Então, os meus antepassados né, os parentes do meu pai e da minha mãe, trabalhavam na lavoura, no campo. Aí minha mãe quando veio de Volta Redonda pra capital, que eles chamavam de capital, ela veio criança ainda, com sete anos de idade.

(C): Por que ela veio?

E: Porque ela foi doada pra uma família.

(H): Doada? Como assim doada?

E: Eram a minha mãe... a minha mãe foi criada pela minha vó, aliás pela minha bisavó, a mãe dela faleceu quando ela era muito criança ainda, morreu de parto. Aí então meus bisavôs ficaram criando todos os filhos, que era minha mãe, minha tia... minha mãe e mais duas tias que nós tínhamos. E era muita dificuldade, trabalhava na roça, colheita, criar galinha, criar porco... e meu avô... o dinheiro não era muito. Então, apareciam lá as famílias da cidade e perguntavam se não tinha uma criança pra ajudar, pra doar né, pra ajudar no serviço de casa. Então, minha mãe começou a trabalhar no serviço de casa doméstico aos sete anos de idade. Ela veio pra cá, foi até uma parenta dela que morava aqui, parece que no Morro do Salgueiro, trouxe ela e a partir daí ela nunca mais retornou pra casa.

(H): Ela foi criada no Morro do Salgueiro?

E: Foi. Primeiro foi pro Morro do Salgueiro, pra casa de uma parenta, pra trabalhar e cuidar das crianças dela, uma criança de sete anos cuidando de outras crianças. E apanhava muito, e era muito maltratada. Então, quando meus avós viram que ela não estava bem, arranjaram uma outra família pra ela ir e assim sucessivamente.

(A): E seu pai, como ele arranjou esse emprego lá no Jardim Botânico?

E: Então, ele primeiro trabalhou, eu não me lembro bem como... Ele falava dessa história, mas eu não me lembro bem...

(H): Eles estudaram?

E: Não, minha mãe não.

(H): Seu pai estudou?

E: Meu pai também, muito pouco

(C): Um pouquinho antes disso. Essa terra em que eles trabalhavam qual era o esquema? Eles eram...

E: Trabalhavam como meeiros. Faziam a plantação, mais a metade do que eles produziam ia pro dono da terra.

(C): Mais seus pais já não se criaram nisso, sua mãe já com sete anos saiu... e seu pai teve essa origem rural também?

E: Também.

(C): Mas ele teve algum contato com terra, teve algum contato com terra, muito cedo?

E: Ele trabalhou uns tempos com terra na quando criança, e aí depois a família, minha avó se mudou, veio pra Niterói, e aí vieram todos morar aqui em Niterói, e meu pai, minha vó... o pai dele já era falecido, as irmãs moravam aqui em Niterói, no Caramujo. E dali ele cresceu e foi funcionário da fábrica, da América Fabril, e trabalhou lá durante algum tempo. E até que foi num desses bailes que ele conheceu minha mãe, no Carioca Musical, e os dois começaram a namorar.

(H): Onde era o Carioca Musical?

E: O carioca era onde é a Globo hoje, lá no Jardim Botânico, lá no prédio da Globo.

(A): Sim, sim.

E: O carioca musical era ali. Era ali que tinham os bailes dos funcionários...

(H): Seu pai já era funcionário?

E: Sim.

(H): E como é que ele entrou?

(C): Na Fábrica.

E: Ainda na fábrica.

(C):: Conheceu ela lá.

E: Conheceu minha mãe lá. Antes deles se casarem. Aí algum tempo depois ele foi... começaram a recrutar, chamar as pessoas pra trabalhar no Jardim Botânico. E ele então, já tinha, já tava com a minha mãe, já tinham casado, e ele então passou a trabalhar no Jardim Botânico.

(A): Como era esse recrutamento? Anúncio pela região ou teve algum contato pessoal? Como foi feito isso?

E: Olha, eu não lembro bem. Eu só sei que ele começou a trabalhar no jardim, e foi convidado por alguém pra trabalhar no jardim, e entrou como funcionário do ministério da agricultura. E atrasava muito salário...

(H): Você já era nascida?

E: Não, nessa época não.

(C): Você sabe por que a família do seu pai veio pra Niterói?

E: Veio por condições de vida melhor, cansaram de ficar lá no interior, trabalhando na terra dos outros, trabalhando quase em remuneração, aí resolveram, e já tinham parentes aqui em Niterói, aí vieram pra cá. Começaram a... minha tia também foi trabalhar na fábrica. E uma coisa assim, que eu acho bem interessante, que muito antes do meu pai casar e ter toda essa relação com o Jardim Botânico, a família dele, minha vó, minha tia ... depois que saíram de...

(H): Saíram de Campos.

E: Saíram de Campos e foram para Niterói, no Caramujo. Aí os filhos começaram a trabalhar, melhorou a situação financeira e moraram lá no Horto.

(A): Mas ele eram funcionários?

E: Eram funcionários da fábrica. Meu pai era solteiro nessa época

(H): E eles foram para o Horto como?

E: Porque meus tios... meu pai trabalhava na fábrica, a minha tia trabalhava na fábrica, e era mais perto pra eles, entendeu?

(H): Não entendi. Foi o cara da fábrica que morava...

E: Não.

(H): Isso que eu não entendi.

E: Entenda bem, eles moravam em São Gonçalo, lá no Caramujo.

(C): Caramujo é o quê, uma comunidade?

E: É, uma comunidade lá em São Gonçalo. E trabalhavam na fábrica, na América Fabril, era bem mais distante, e naquela época o aluguel era barato, então, eles alugaram uma casa ali na Pacheco Leão, e foram morar na casa pra poder trabalhar mais perto.

(A): Essas casas eram do lado direito subindo, ou a área que seria dentro...

E: Não, do lado que hoje é considerado formal. Não era do lado do conflito, era do lado formal.

(H): Nas redondezas.... Então seu pai já conhecia aquela região quando foi trabalhar lá?

E: Já.

(A): E ele tinha parente lá, trabalhando no Jardim Botânico mesmo?

E: Não, não tinha ninguém.

(A): Nem depois chegou a ter parentes?

E: Algum tempo depois ele levou meu tio pra trabalhar lá, e meu tio acabou sendo admitido como guarda, como vigilante, foi trabalhar no IBDF naquela época.

(C): Então a sua infância foi toda lá?

E: A minha infância foi toda no Horto.

(C): Como foi a sua infância lá? Conta um pouco pra gente o que é mais significativo pra você dessa época.

E: Minha infância... foi infância né. Era muita brincadeira, muita afetividade e muita lembrança boa.

(H): Tinha muita gente lá?

E: Já tinha bastante pessoas...

(H): O que é bastante? Vinte, trinta?

E: A mais, eu morava no Morro...nós fomos morar no primeiro momento, meu pai conseguiu essa casa no Morro das Margaridas, então nós fomos morar no Morro das Margaridas, e ali já tinham quase quarenta famílias morando.

(H): Todos funcionários do Horto?

E: Todos funcionários!

(H): Em casas construídas pelo Horto?

E: Não, em casas construídas pelos moradores.

(H): Mais a casa do seu pai não?

E: A casa do meu pai também.

(H): *Sim, mas não tinha um moço lá?*

E: Esse moço que construiu a casa.

(A): *Mais havia casas que eram construídas pelo próprio Jardim Botânico?*

E: Poucas casas, e existem até hoje. Não no Morro das Margaridas, mas em toda comunidade poucas casas, principalmente ali na Pacheco Leão foram construídas... quer dizer, o Jardim Botânico iniciou o início da construção, e depois o morador fez as benfeitorias, mas são pouquíssimas casas.

(A): *Quando você era criança tinham outros funcionários públicos de outras repartições, Ministério da Agricultura? Sem ser diretamente vinculado ao Jardim Botânico*

E: Tinha funcionários que eram do ministério da agricultura, tinham outros que eram do antigo IBDF, que depois virou IBAMA.

(A): *Mas o grosso eram funcionários do próprio jardim, então?*

E: Não era diretamente funcionário do Jardim Botânico. Trabalhavam no Jardim Botânico, mas era vinculado ou ao Ministério da Agricultura ou então ao IBDF, ou ao IBAMA. Que o Jardim Botânico mesmo, naquela época, não tinha um quadro, administração própria.

(H): *Vocês trabalharam quando eram crianças, Emília? Você e seus irmão?*

E: Não, nunca trabalhamos. Meu pai nunca permitiu, e minha mãe dizia: “o que eu passei” ...minha mãe falava “vocês vão estudar”. A gente apanhava muito, “vocês vão estudar, porque pelo que eu passei, filho meu jamais vai passar”. Eu fui trabalhar já com dezessete, dezoito anos, que eu tive meu primeiro emprego.

(C): *Que foi?*

E: Meu primeiro emprego foi numa clínica odontológica lá na Lagoa. Ali foi meu primeiro emprego.

(H): *Você estudou até quando, até que série?*

E: Eu terminei o ensino médio.

(A): *Ali mesmo na Julia Kubitschek era só até o ginásio, né?*

E: Não, a Julia Kubitschek era só a primeira escola né, hoje funciona como creche, como pré-escola, mas na época que eu estudei lá era o primário, estudava desde a primeira série primária até a admissão.

(C): E hoje qual a sua profissão?

E: Hoje eu sou aposentada, mas eu já trabalhei em várias coisas, como auxiliar administrativo, já trabalhei como...

(C): Sempre carteira assinada?

E: Sempre com carteira assinada.

(H): Por que você parou de estudar Emília? Você que é tão inteligente.

E: Muita coisa, muita atribulação, muita preocupação e foi passando e passando o tempo e acabei deixando.

(H): Preocupada com o quê?

E: Com família, com filhos, enfim, e o tempo foi passando e...

(A): E quando vocês eram crianças, vocês se davam com as pessoas em volta do Horto? Eram da mesma classe social ou tinha algum tipo divisão?

E: Não, quando criança não tinha essa divisão de classe social, tanto que a minha melhor amiga, da escola primária, da Julia Kubitschek, ela era filha de uma família de classe média alta, a Tatiana, e morava numa das mansões e estudava na Julia Kubitschek. E muitos moradores, as crianças que moravam ali no entorno, eles brincavam e conviviam lá no Horto, lá na comunidade.

(A): MAs já tava um perfil elitizado quando você era criança ou não?

E: Não. Não tinha essa divisão.

(C): Não tinha essa divisão.

(H): Havia uma divisão de classe, mas que não se expressava nas relações...

E: Sim.

(H): Tinham as mansões, as pessoas que tinham dinheiro, mas eles conviviam bem com vocês?

E: Sim, conviviam bem. Não tinha conflito, nessa época não tinha.

(A): Mas você acha que ali a parte da Pacheco Leão, no lado das vilas operárias era mais... sei lá, era mais popular ainda?

E: Olha, a vila, aquela parte ali das casas da vila, já foi popular sim. Hoje em dia ali só temos uma média de umas quarenta famílias que estão ali na resistência, o restante já não tá mais ali. A gentrificação já engoliu a vila, entendeu? Muitos venderam, se arrependeram e depois quiseram voltar, mas não tinha mais espaço, e tem ali umas quarenta famílias que estão na resistência com processo de usucapião. Tem um processo, um federal, e um processo estadual, e as pessoas estão ali esperando uma decisão judicial pra ver... a especulação imobiliária ali é gritante. Uma casa daquelas da vila das mais humildes, hoje você não compra por menos, sei lá, de um milhão, um milhão e quinhentos, por aí. Hoje ali só tem artista, intelectuais, os globais. Até aquele cara que fez o filme Tropa de Elite, aquele ator principal...

(H): Wagner Moura!

E: Wagner Moura tem uma casa lá, que ele reformou toda pra fazer um estúdio.

(A): Quando que você vê assim um corte nessa relação ali da comunidade do Horto com os entornos ali? Você consegue situar isso?

E: Isso aí foi assim... foi avançando né, com o tempo, com o avanço assim das famílias de maior poder aquisitivo na área depois que a Globo se instalou ali, e virou o *boom* morar no Jardim Botânico perto da Globo. Aí a partir da instalação da Globo ali no Horto, aí começou a discriminação, de maneira bem agressiva.

(H): Como você percebeu essa discriminação pela primeira vez, com você, como é que foi que você viu isso?

E: Olha, assim eu vi... eu participava muito das reuniões comunitárias, aquelas reuniões que têm de conselho comunitário...

(H): Que incluía gente de fora do Horto?

E: Não, de associações de moradores da Zona Sul.

(H): Incluía gente de fora do Horto?

E: Incluía, eram associações de fora do Horto. Aí eu participava muito dessas reuniões, porque os problemas da cidade estão ali né, na comunidade também, na questão da saúde, da segurança, enfim né. Aí, quando falava da questão que, assim, a nossa luta pelo direito à moradia, é uma questão de segurança, a partir do momento que a pessoa é agredida pela polícia, fica sem a casa, sem o teto, perde toda uma referência de vida, isso aí é uma grande violência. Então, eu levava essa questão para as reuniões pedindo providência quanto a essa violência, e sentia a rejeição na cara das pessoas, na expressão das pessoas.

(A): Mas quando que começou esse seu envolvimento com as associações?

Marcos Aquino (MA): Nessa época você já era presidente da associação? Você ia como...

E: Nessa época quando eu comecei...

(H): Que época é essa? Década de oitenta... que época é essa?

E: Não, bem na época de dois mil...

(H): Você começa a se meter com política em dois mil?

E: Mais ou menos na época de dois mil... a partir de dois mil e um pra cá...

(H): Você antes não tinha nenhuma... nada de política antes? Antes de dois mil você não se metia com política?

E: Não é uma coisa assim... eu não tinha tanto, uma participação tão ativa na questão de... da política de moradia, na questão de moradia, principalmente na comunidade, eu não tinha assim tanta...

(C): Alguém tinha já nessa época, ou você que começou?

E: Não, já tinha, desde oitenta e dois, desde mil novecentos e oitenta e dois que a associação de moradores existe. Então já havia...

(H): Ela foi criada para... ela foi criada por que vocês quiseram, ou ela já foi criada em reação?

E: Não, um instrumento jurídico pra brigar pelo direito à moradia

(H): Então já havia uma pressão contra vocês em oitenta e dois?

E: Já havia, e a associação de moradores foi criada justamente por isso, por conta dessa pressão. A partir do momento que começaram a sair as matérias no jornal, jornal O Globo principalmente, se referindo aos moradores como invasores, e começaram a surgir os primeiros processos, aí então, as pessoas sentiram a necessidade de ter um fortalecimento ali pra brigar juridicamente pelo direito à moradia, aí criaram a associação de moradores do Horto.

(H): Isso começou na década de setenta?

E: Na década de oitenta...

(H): Sim, a associação, mas as pressões começaram...

E: Na década de oitenta.

(H): Começaram no início da década de oitenta...

(A): O que se falava naquela época? Quais eram os interesses do Jardim Botânico para alterar a postura? A postura era mais tolerante, né?

E: Sim, na verdade o que acontece? Existem duas fases, a questão da remoção é ligada a rejeição, ao preconceito, isso aí foi... começou a ser instaurado na década de oitenta, mas a questão do perigo da remoção de parte da comunidade começou, na verdade, quando quiseram fazer, construir, na época do BNH, quando...

(H): Então, isso é anterior né?

E: Quando surgiu um projeto pra construção de um conjunto habitacional ali na comunidade

(H): Então isso é anterior a oitenta.

E: É, anterior a oitenta.

(H): Então, essa questão começou antes?

E: Sim, mas nessa época não existia ainda a associação, existia o movimento ali, de resistência, mas a associação não havia sido...

(C): Esse movimento, ele era liderado por alguém? Tinha alguém a frente ou foi... as pessoas foram se unindo ali?

E: As pessoas foram se unindo e tinham aqueles mais conscientes né, que tinham mais aquela coisa da liderança, a frente, mais assim no geral, todo mundo se uniu contra isso.

(A): Do que se falava desse projeto do BHN? Era para os moradores locais? Era para moradores de favela da região? O que se dizia na época?

E: Esse projeto, então, seria para os moradores locais né, porque eles pensavam em construir esse conjunto habitacional, mas não, assim, os moradores tradicionais não seriam despejados, seriam remanejados para esses apartamentos, e demais moradores de outras comunidades, de outras favelas que estavam sendo removidas.

(H): E esse conjunto era onde?

E: Construído ali na... numa área bem grande, onde tem a escola, o terreno da escola, aquela área onde tem a escola Júlia Kubistchek, tem ali o Caxinguelê, uma parte do Caxinguelê, seria na verdade...

(H): Ali naquela região mesmo?

E: Naquela região mesmo. Parte daquela área que hoje foi transferida para o Jardim Botânico, até mais ou menos a altura do SERPRO², iriam construir ali vários apartamentos, vários prédios pra colocar as pessoas pra morar. E um outro momento foi quando Carlos Lacerda queria construir ali um cemitério vertical, ele disse: “quando morrer eu quero ser enterrado nesse lugar”.

(H): Ah, que lindo... (rs)

E: Muito lindo né?

(H): Então é antiga essa... essa questão do Horto é antiga?

E: Sim.

(H): Foram levadas de interesses.

E: Foram fases de interesse né. Sendo que, nessas fases anteriores não havia aquela rejeição contra os moradores, na favela do Horto, os invasores, não havia essa taxaço...

(H): Essa pressão do bairro...

² Serviço Federal de Processamento de Dados, empresa pública de processamento de dados, situada no interior do Parque Jardim Botânico.

E: Pra desqualificar as pessoas, pra ter mais facilidade de retirar, como existe hoje, nessa época não tinha.

(H): Então, em oitenta isso começa...

E: Na década de oitenta começa...

(H): E o Jardim Botânico, nesse momento, ele já começou a implicar com vocês?

E: O que acontece? O Jardim Botânico sempre teve, quando não era um diretor, sempre tinham figuras que tinham simpatia pela retirada da comunidade, então, de uma certa forma desde mesmo nessa época, ele já estava por trás de toda essa articulação.

(A): Que época? Só pra gente situar.

(H): Oitenta.

E: Década de oitenta.

(A): Antes não? Ou já tinha também um movimento ali?

(H): No tempo do BNH.

(A): Já nos anos setenta, sessenta...

E: Houve a resistência dos moradores e eles...

(H): Recuaram...

E: Recuaram.

(A): O Clube Caxinguelê, que era o clube de funcionários né, não era? Ele foi autorizado a ser construído quando? Você se lembra?

E: Foi em final da década de sessenta.

(A): Final da década de sessenta?

E: É, mais ou menos.

(A): E a partir do momento que o conflito ele se desencadeia, como foram as formas que o Jardim [Botânico] tentou encaminhar a questão? A partir do momento que eles começam a ver os moradores como algum problema, quais são as propostas que foram dadas? Como era essa relação? O que eles ofereciam para os moradores? Qual era o tipo de diálogo?

E: Oferta nunca houve. O que eles ofereciam... o que eles apresentaram, uma forma, foram as ações de reintegração de posse, que começaram justamente nessa fase de oitenta em dois a oitenta e seis, que foram num crescente, mas não havia, nunca houve uma possibilidade de negociar como morador uma forma de continuar morando ali e atendendo as necessidades do Jardim Botânico, que até hoje, tem muitas pessoas que trabalham lá. E nunca houve uma forma de conciliar moradia com as atividades do parque. Quer dizer, isso nunca foi explícito. Pode até ser que tenha havido algum projeto, mais assim, discutido internamente entre eles, mas nunca chamaram nenhum morador pra conversar sobre a possibilidade de fazer algum tipo de conversa né, conciliatória, nunca teve isso.

(H): E a comunidade tentou conversar com eles? Apresentou alguma proposta?

E: Por várias vezes, sempre houve rejeição, com pretexto da preservação ambiental.

(A): Mesmo esses projetos que eu tava falando que pareciam ser mais tolerantes nos anos sessenta...nos anos oitenta, eles não chegaram em momento nenhum ao conhecimento de vocês?

E: Não, nunca chegou ao nosso conhecimento. O que eu acho estranho, como é que eles querem resolver sem dialogar com quem tá mais diretamente envolvido?

(C): Tá, mas aí você disse que começou a se envolver em dois mil, até lá como essa coisa evoluiu, de oitenta pra dois mil... esses vinte anos aí, o que você tem pra nos contar desse processo todo?

(H): Você acompanhava?

E: Eu acompanhava.

(H): Que idade você tinha em oitenta?

E: Eu tinha... eu sou ruim de matemática pra caramba. Tô com sessenta e cinco, em oitenta...

(A): Trinta e nos

(H): Vinte poucos anos... Se ela tá com sessenta e cinco...

(A): Trinta anos.

(H): É verdade. Ela falou sessenta e cinco, e eu ouvi sessenta. Aí eu comecei a fazer conta, eu tinha dezoito... (risos)

(A): Quem capitaneava, como era essa relação?

(C): Nesses vinte anos até você começar a se envolver...

E: Nessa época, quem acompanhava muito era meu pai, ele ia sempre as reuniões. Aí tinham aquelas reuniões mensais com advogado que ia levar informação sobre os processos, enfim. E eu, assim, não me envolvia muito, até porque eu trabalhava pra caramba, chegava em casa cansada e final de semana era aquela... queria mais era espaiar, nunca, assim, me envolvi diretamente, ele que ficava a frente...

(H): E as famílias todas estavam unidas nessa luta, ou as famílias tavam omissas?

E: Principalmente os que tinham processo que tavam mais ali acompanhando de perto

(MA): E o seu irmão, o Edson³? Ele participava dessas reuniões, nessa época?

E: O Edson é bem mais jovem do que eu, ele participava... o Edson sempre foi mais político do que eu. Ele participava até enquanto ele morava no Horto, depois ele casou e foi lá pra Jacarepaguá, foi morar na Cidade de Deus, e se afastou um pouco né. O que ele pôde ajudar... Houve até uma passagem, assim bastante interessante, na vida do Edson, que assim, ele fez... prestou concurso pro IBAMA, aí começou a trabalhar no Jardim Botânico como vigilante, agente lá do IBAMA. E como ele era morador, o diretor do Jardim Botânico achava que ele tinha que ir à porta das pessoas, assim, ficar com picuinha, entendeu? Levar notificação, ou então chamar atenção porque tava consertando um telhado, porque tava fazendo um puxadinho

(H): E não podia fazer obra? Vocês foram proibidos de fazer qualquer tipo de obra?

E: Sempre foi proibido né, sempre foi, mas por debaixo dos panos o pessoal sempre consegue tá dando um jeito na casa. E o Edson falou: “olha só, eu fiz o concurso, eu não sou”. Como ele falou? Ai meu deus do céu, “eu não estou aqui de favor, eu sou concursado. Eu sou morador e tenho muitos amigos na comunidade, não vou me prestar a fazer esse papel, se o senhor quiser chamar a atenção de morador, levar notificação,

³ Trata-se de Edson Santos, que foi vereador na cidade do Rio de Janeiro por quatro mandatos consecutivos (1989 a 2006) e deputado federal entre 2007 e 2011, tendo se licenciado durante o mandato para assumir a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, equivalente a um ministério, entre 2008 e 2010, durante a presidência de Lula.

mande outra pessoa, porque eu não vou”, e ele falou: “Você tem que ir!”, e o Edson: “Eu não vou, prefiro abandonar o meu trabalho, se eu tiver que tá perseguindo parceiros meus, companheiros meus, eu não vou me prestar pra esse papel”. E ele pediu demissão, abandonou o serviço porque, sei lá, se sentia incomodado de estar ali sendo pressionado pra fazer o serviço sujo.

(A): Você mencionou que o pai que tinha reuniões com advogados, como é que foi essa... que era esse advogado? Como que vocês contactaram? Como era a relação com ele?

E: Então, na verdade, o que acontece? Nós não tínhamos nem processo, minha casa não tinha processo, mas o meu pai gostava muito de tá sabendo o que tava acontecendo.

(H): Por que algumas casas tinham processo e outras não? Essas casas que tinham processo elas eram diferentes das outras?

E: Não, isso não... eles não fizeram o processo de forma coletiva, são processos individuais, e o morador, foi escolhido assim, de forma aleatória, entendeu? Não tem um porque, uma sequência de “a vão ser dez na Margarida, vinte de não sei onde, vinte do Grotão, vinte no Caxinguelê”, escolheram de forma aleatória, entendeu? Quando poderiam ter feito um processo coletivo pra todos os moradores, mas nunca aconteceu dessa forma

(H): Quanta gente tem lá hoje?

E: Hoje são seiscentas e vinte uma famílias.

(H): Quantos pedaços são? Grotão, Margarida, Caxinguelê...

E: Começar pela Major Rubens Vaz. Tem a Major Rubem Vaz cento e vinte dois, Major Rubem Vaz meia quatro, Jardim Botânico mil e vinte quatro, ao lado do TRE, Vila São Jorge 1, Vila São Jorge 2, tem Caxinguelê, Margarida, Grotão, Solar da Imperatriz e a parte que eu moro que é Dona Castorina

(H): O que separou um pedaço desse do outro? Por que eles se separam? É a época de ocupação, tem alguma divisão?

E: Não, assim, porque o Grotão é uma das áreas mais antigas da comunidade, inclusive tem uma casa ali que era estrebaria da época de D. João. E o Caxinguelê é mais recente, que foi um condomínio, tipo um condomínio né, que as casas foram construídas com

autorização do diretor do Jardim Botânico, e cada casa, cada lote, tem o nome do morador e da família que está lá até hoje.

(H): Então, esse grupo vai ficar lá? Esse grupo não corre risco de sair?

E: Sim

(H): Também?

E: Hoje também. Todos que estão na área interna da comunidade, Caxinguelê, Grotão, Margarida e o Solar da Imperatriz, essas quatro áreas o Besserman já disse que não abre mão, que vão ter que sair. Pra onde?

(A): Voltando lá nos anos oitenta, como se deu a relação e esse contato com esse advogado? Quem ele era? Como se deu esse processo de citação dos moradores?

E: Então, ele era, Dr. Valdomiro, ele foi o primeiro advogado da associação, ele e a esposa dele, a Normândia, foram os primeiros advogados da comunidade. E eles foram indicados por um conhecido, um morador, essa pessoa inclusive, era moradora... morava nas casas da América Fabril, não tinha nada com os despejos, mas era amigo dele. De anos e anos do Dr. Valdomiro. Aí quando começaram os primeiros processos aí o seu, como era o nome dele? O nome do bar lá...o seu Lili, ele apresentou o Dr. Valdomiro lá na reunião, e ele começou a defender os primeiros moradores com processo. E isso durou até o falecimento dele, depois a esposa dele faleceu.

(A): E Amahor contou com o apoio de igreja, partido político? Alguém deu apoio pra formação da associação de moradores?

E: Olha, partido político, que eu me lembre nessa época da formação da associação, eu não participava ativamente, até pode ter tido, tinham várias pessoas ali naquela época ligada ao PDT, pode até ter que tenha tido algum apoio político desse partido, mas não posso te falar com certeza.

(A): E outras instituições, tipo igreja, ou participaram movimentos de luta por moradia?

E: Com igreja e movimentos sociais, o MNLM⁴ sempre nos apoiou, a Bento Rubião também, instituição Bento Rubião⁵. Igreja, mais ou menos, né? Principalmente a capela ali da... que hoje é quintal da Globo, Divina Providência, o padre lá, um dos padres da paróquia ele é muito sensível à causa. Mas no geral, a igreja mesmo, em todo contexto nunca demonstrou apoio não.

(A): Nem na formação da associação de moradores?

E: Não.

(H): Você entra na luta por quê? Já que você passou tanto tempo sem... Vinte anos sem...

E: Então, aconteceu assim, eu tinha muita amizade pelas pessoas que faziam parte da associação, da diretoria, os veteranos né, que tavam na luta desde o início. E era uma briga que ninguém queria fazer parte, morador nenhum queria se envolver diretamente.

(C): Por que você acha isso?

E: A dificuldade, num sei... num sei a dificuldade que as pessoas tinham de tá ali contribuindo. Aí num belo dia eu tô em casa, e chegaram o presidente... a presidenta que era da associação, Dona Honorina, e seu Antônio, o seu Tuninho, o seu Antônio Herrero, “A Emília viemos conversar com você, a gente tá precisando muito da sua ajuda”, e eu falei: “em que sentido?”, a “nós estamos às vésperas de... estamos necessitando fazer a renovação da chapa da associação, temos que fazer eleição, e já percorremos aqui de cabo a rabo a comunidade, e ninguém quer”, e eu: “Como gente? alguém tem que...tá aí, né? Tem que colaborar”. “Você não quer ajudar? Trabalhar com a gente, ajudar? A gente tá precisando de pessoas novas, eu já tô velho, cansado, não sei o quê...”. Eu falei assim: “Olha, eu posso contribuir, mas não assim, num cargo de diretoria tudo bem, mais do que isso... eu posso ajudar, mas pegar o cargo de presidente eu não quero, porque tem muita coisa pra fazer e isso é muita responsabilidade”, eu falei: “nem sei como que eu tocaria isso, não tenho experiência na história”. Aí comecei né, que teve a eleição, aí eu comecei lá na associação.

(C): Mas aí se formou uma chapa?

⁴ Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLM), movimento social organizado em 1990 a partir de vários movimentos estaduais de luta pela moradia.

⁵ Nesse trecho Emília diferencia a Fundação Bento Rubião da pessoa, que foi um advogado vinculado à luta pela terra que auxiliou os moradores de várias favelas nas décadas de 1970 e 1980, que deu nome à Fundação.

E: Formou uma chapa, e não conseguimos outra chapa, pra bater chapa, pra ter eleição, então, a chapa que estava foi composta que foi...

(H): Empossada.

E: Empossada. E aí nós começamos, e aí quando eu comecei eu falei: “meu deus, eu não sei, tem alguma coisa ali que tava me incomodando”, eu falei: “caramba, as pessoas moram aqui, a gente mora aqui a tanto tempo, é inadmissível que a gente continue nessa briga em defesa de um item só, que é o direito a benfeitoria”. Aí, toda reunião Dr. Valdomiro chamava e lia processo por processo, e aí, “fulano de tal, o perito avaliou sua casa em dez mil, perito avaliou a casa de não sei quem em cinquenta mil...” E aí você via, eu fiquei analisando a distorção de uma situação pra outra. Por que o perfil da comunidade, como é? Tem casas que são muito boas, agora tem outras lá pra dentro do Grotão, lá no Solar da Imperatriz, que são muito precárias. Eu falei: “Dr. Valdomiro, não tem uma outra forma de resolver isso?” A indenização pela benfeitoria vai prejudicar, o cara vai pegar dez mil e fazer o quê, com dez mil? Naquela época dez mil ainda valia alguma coisa, mas não dava pra comprar uma casa. Aí tudo bem, “Não, mas não tem outro jeito, senão _ele era muito nordestino, assim bem arretado, né?_ senão o sujeito vai sair com uma mão adiante e outra atrás”, aí eu falei: “não, tem que surgir outro caminho, não é possível”. Até que em 2001, veio a medida provisória 2220 vinte, do Fernando Henrique, o abençoado, pelo menos isso ele fez pra...

(H): Que medida é essa?

E: Medida provisória dois mil duzentos e vinte, que permite a regularização fundiária em áreas da união, eu falei “opa, mudou o quadro, a briga agora é outra”. Vamos partir pra outro terreno”. Esquece essa história de indenização porque o povo tem que brigar pelo direito ficar.

(C): Foi aí que começou, então, efetivamente, essa briga?

E: Sim. Aí, minha briga começou primeiro com o advogado que não aceitou de jeito nenhum.

(H): Sr. Valdomiro?

(C): Mesmo assim com a medida provisória?

E: Mesmo com a medida provisória, eu falei: “Dr. Valdomiro, agora é lei tem essa possibilidade”, ele falava: “minha filha, você é muito ingênua, isso nunca vai acontecer, quando esse governo vai indenizar um pobre? Vai dar direito ao pobre de morar em terra da União? Isso não existe. A gente tem que continuar brigando pela benfeitoria”. Aí eu falei: “não Dr. Valdomiro, tá errado, isso não tá certo”. Aí eu comecei a aprofundar relação com a Fundação Bento Rubião, que tava bem mais a frente nessa história. Aí tive várias reuniões com o Dr. Valdir, assistia vários eventos, várias conferências, Conferência da Cidade, que naquela época ainda tinha conferências, enfim. Aí fui amadurecendo, e fui me envolvendo cada vez mais, e cada vez mais, e hoje não consigo sair ...

(H): Quantas pessoas lutam com você lá?

E: Olha, lá hoje tem um grupo bom, tem um grupo que é... meu parceiro de briga mesmo, coitado, infelizmente adoeceu, que é o Wilson, tá com problema de coluna, mas tem um grupo bom lá que briga...

(H): De todas essas dez áreas, ou só das áreas que estão ameaçadas a sair?

E: Não. Tem das áreas que são ameaçadas de sair, e fora dessas áreas também.

(H): A tua área tá ameaçada de sair?

E: A minha não. Teve uma polêmica inclusive, quando a minha área ficou fora da remoção, que aí começaram a dizer que “foi por influência política...”

(A): Sua?

E: Não, do Edson Santos. O Edson negociou com o governo federal pra minha área ficar fora, aí eu falei: “ai meu deus”. Depois começaram a inventar que o Edson comprou todas as terras da Castorina pra família não ser removida. Gente, esse povo viaja, que absurdo.

(H): Você chegou a convencer o Seu Valdomiro? Vamos voltar lá.

E: Vamos voltar lá. Aí né, começamos, comecei lá a relação com a Bento Rubião. Falei, “Dr. Valdomiro, não dá, o senhor tem que ir comigo em uma reunião. O senhor precisa ir conversar com o Dr. Valdir, precisa saber que as coisas mudaram, que houve um avanço, que agora exista a possibilidade real da gente brigar pra ficar, doutor. Porque essa história de indenização não vai dar certo, a comunidade vai perder”. E ele: “não vou me reunir com ninguém, não quero conhecer Dr. Valdir, não quero conhecer ninguém”. E agora? E as pessoas tinham assim, uma credibilidade total no que ele dizia, entendeu? Meu Deus,

como eu vou convencer essas pessoas que o caminho não é esse? Que se eles continuarem brigando pela indenização, vai pegar o dinheiro hoje e amanhã vai tá na rua, não vai conseguir comprar nada. Existe realmente a possibilidade de.. da família permanecer.

(C): E aí o que você fez?

E: O que eu fiz? Marquei uma assembleia, convidei a Bento Rubião. A assembleia tava lotada e foi um fiasco.

(A) e (H): Por quê?

E: Porque o comportamento do Dr. Valdomiro e de algumas pessoas lá, que nem eram da comunidade, foi simplesmente, assim, horrível. Desqualificando o trabalho do ITERJ...

(H): O ITERJ já tava nessa história?

E: Não, ITERJ não, da Bento Rubião... Disseram, “Esse advogado é um oportunista, que fica querendo colocar a possibilidade que não existe pra pessoas, isso não existe. Não existe a possibilidade de regularização fundiária em terras da União”, eu falei: “Olha, eu vou provar pra vocês que existe, nós vamos provar. Hoje vocês me fizeram passar constrangimento, mas vai chegar o dia que vocês vão se arrepender do que tá acontecendo hoje”.

(A): Quando foi isso? Só pra me situar, que ano assim?

E: Foi mais ou menos em dois mil e dois, por aí.

(H): Logo depois que você entrou na luta.

E: Logo depois que saiu a medida provisória.

(H): E aí qual foi sua estratégia?

E: Bom, eu continuei na defesa da regularização fundiária, comecei a chamar alguns companheiros pra participarem das palestras, pra se empoderarem dessa questão, sobre a questão, pra saber das possibilidades, e no boca a boca eu fui fazendo a cabeça de muita gente. E as pessoas começaram a se convencer, “Ah, não... realmente tem possibilidade sim de fazer a regularização fundiária”. “Gente, vocês têm que ler e não só acreditar naquilo que as pessoas falam! Tem dúvida? Vai lá, busca a medida provisória 2220 e lê na íntegra, que vocês vão entender que realmente, a nossa situação é outra, a gente tem

que brigar por outra coisa. Uma coisa passou, agora é outra, e a gente tem que brigar pelo que atualmente existe possibilidade de acontecer. Bom, aí passou um período...

(H): Essas indenizações, nesse tempo das indenizações, sr. Valdomiro defendia só essas quatro comunidades que tavam ameaçadas, ou nesse momento havia mais gente ameaçada?

E: Lá na comunidade?

(H): É, quando seu Valdomiro [trecho inaudível 00:57:30] indenizações.

E: Não, defendia a todos, porque dentro do contexto ali da comunidade, em todas as áreas tinha pessoas com... moradores com processo.

(H): Hoje é que são só quatro?

E: Hoje é que são essas quatro áreas que estão dentro dos limites do parque que correm mais risco de serem removidas.

(H): Mas as outras estão em risco?

E: As outras correm risco. Até a área que moro, a Castorina. Por que que não corre risco? Se pode haver regularização fundiária, o governo federal não deu um passo nesse sentido.

(A): As terras da Dona Castorina não são próprios federais. Ou são?

E: É.

(A): São, mas estão fora do perímetro do Jardim Botânico?

E: Estão fora do perímetro, mas a Secretaria de Patrimônio da União pode fazer a regularização a qualquer momento, e nunca tomou nenhuma iniciativa

(C): Como terra da União normal?

E: Como terra da União normal. Poderia ter titulado os moradores, mas...

(H): Aí quando Dr. Valdomiro ficou convencido?

E: Não ficou convencido, Deus convenceu. Parece mentira gente, mas ele adoeceu assim, foi uma coisa rápida, sabe?

(A): Ele tava com vocês desde quando?

E: Desde o início.

(A): *Desde o iniciozinho né?*

E: Desde os primeiros processos.

(H): *Então ele tava com vocês há vinte anos?*

E: E ele adoeceu assim, de uma forma tão cruel, sabe? Que foi rápido, ele não ficou um ano doente, aí faleceu.

(A): *Você chegou a mencionar isso de quê, você foi eleita, mas as pessoas estavam bastante desinteressadas. Os moradores estavam se sentindo ameaçados de fato, naquele momento, ou havia de não vai acontecer nada?*

E: Tinha muitos que não estavam, não. Como até hoje, “Isso não vai a frente, eu moro aqui há sessenta anos, quem é que vai me tirar daqui? Ninguém vai me tirar”. Tem gente que ainda acredita, entendeu?

(H): *Alguém já foi retirado de lá?*

E: Já. O primeiro morador a sair, ele morava no Grotão, seu Luiz, foi até meu professor, ele. Ele recebeu a notificação...

(H): *Isso em que ano?*

E: Isso em oitenta... logo no início. Recebeu a notificação, rasgou e jogou no lixo. E o processo correu à revelia. Aí quando foi um belo dia... quer dizer, quando ele viu o despejo já tava na porta.

(H): E nem assim, nem todo mundo acredita?

E: Nem assim.

(A): *Nesse período da eleição tavam acontecendo muito despejos, ou não? As relações estavam mais distendidas, mais relaxadas?*

E: Relação?

(A): *Entre o Jardim Botânico e a comunidade, nessa época, final dos anos noventa...*

(H): *Que você assumiu...*

(A): *A relação tava muito tensa, tavam tendo muitas citações de despejo?*

E: Não, citação de despejo sempre houve.

(A): Sempre?

E: Sempre, sempre... Houve momento de tranquilidade quando, foi quando... quando terminou os procedimentos do projeto de regularização fundiária. Aí houve um período de tranquilidade, que a Secretaria de Patrimônio da União conseguiu suspender as reintegrações de posse. Então, houve um momento assim, de uns dois anos de tranquilidade, nenhuma ameaça.

(H): Isso quando?

E: Isso foi em 2021.

(H): Quando é que o ITERJ...Aí vocês ficaram com a Bento Rubião?

E: Sim, aí nós ficamos com Bento Rubião, dr. Valdomiro, adoeceu, e eu então... conheci o Eduardo Novaes, que era da União por Moradia Popular, e ele me apresentou ao ITERJ. Se não fosse o ITERJ... porque nós precisávamos fazer o cadastro socioeconômico da comunidade. E aí eu comecei a frequentar o ITERJ, foi até na época da Célia Ravera, que era presidente do ITERJ, e aí começou a nossa relação com o ITERJ. E fez todos os procedimentos também pra fazer topografia, cadastro, pra fazer a regularização fundiária, mas chegou num momento e foi barrado por ser um órgão do Estado, e lá como sendo área federal, competência do governo federal, senão, já teria regularizado.

(A): Você falou das citações, que sempre, desde o início dos anos oitenta, os moradores sempre foram citados, mas despejados, propriamente, teve?

E: Ó, teve o despejo em 2015 do Marcelo, tivemos um outro, uma tentativa que não chegou a se concretizar, que nós conseguimos depois de quase de vinte horas, vinte e quatro horas de mobilização, Dr. Leonardo Chaves conseguiu reverter, que era a remoção de duas famílias, simultaneamente, uma do Caxinguelê e uma da Margarida, isso em 2005. Aí esse não aconteceu.

(MA): Como foi essa mobilização? Vocês ficaram todos reunidos na frente?

E: Então, nós estávamos...nessa época nós fazíamos as nossas reuniões no Caxinguelê, lá no clube. Era um dia da assembleia, um dia a noite nós estávamos lá, moradores conversando, aí eu recebi uma ligação de um amigo meu do corpo de bombeiros, aí ele me falou, “Emília, olha só, avisa o pessoal que eu acabei de receber aqui um ofício solicitando duas ambulâncias pra fazer uma remoção... pra fazer duas remoções...”

(H): Ambulância?

E: Ambulância do corpo de bombeiros.

(H): Que ia fazer?

E: Pra fazer duas remoções dentro da comunidade, e eu fale: “Mas como assim?”, “ó, o ofício tá aqui, tá aqui comigo, quando eu chegar em casa eu levo uma cópia pra você”, “Não vou nem esperar a cópia vou avisar o pessoal agora, aqui. Daqui que eu espere você chegar em casa com cópia do ofício, pessoal se dispersou, vai cada um pra sua casa, como a gente vai mobilizar o povo depois?”. Aí durante a assembleia mesmo eu já avisei o pessoal, que no dia seguinte, que de acordo com a informação desse amigo lá do Corpo de Bombeiros, iriam ter duas remoções, aí eu pedi pra ele pra ver se no ofício, na documentação que tava lá no bombeiro, se tinham o nome das famílias que iam ser removidas, aí ele falou: “dona fulana...”, e falou o nome da Naira e do seu Rafael Ubiasco. O seu Rafael mora no Caxinguelê e a Naira mora na Margarida, falei ó: “remoção, uma aqui no Caxinguelê e a outra no Morro das Margaridas. Aí a partir dali já ligamos pra todo mundo, o Baldez⁶ tava na reunião nesse dia, e já mobilizamos todo mundo, ficamos com todo mundo acordado, ninguém dormiu. Aí no dia seguinte, seis horas da manhã começou chegar o aparato, polícia, bombeiro, polícia federal, aquele contingente né.

(H): Quantos homens tinham pra fazer uma coisa dessa?

E: Nesse dia tinham mais de trezentos homens.

(H) e (C): Nossa, que isso!

E: Sério, sabe por quê? Sabe o que eles fizeram? Entrou uma parte... ficou uma parte pra entrar pela entrada ali do Caxinguelê, outros subiram a Pacheco Leão, se infiltraram na mata, parecia guerra, parecia um dia de guerra.

(H): E como vocês conseguiram impedir essa [trecho inaudível 01:06:35]?

E: Eu sei que chegaram vários parlamentares, chegou até um jurista amigo do Baldez, e a gente se dividiu, ficou um pouco de moradores na casa lá de baixo, perto do Caxinguelê, e o restante subimos lá pra Margarida e fizemos um cordão de isolamento humano pra impedir que eles.... que a polícia chegasse. E o Dr. Leonardo foi lá pra Justiça Federal,

⁶ Miguel Baldez (1930-2020) foi procurador do Estado do Rio de Janeiro, professor de Direito e advogado com forte atuação na assessoria de movimentos sociais de luta pela terra e pela moradi. .

que por sorte era o mesmo juiz nos dois processos, e ele ficou lá despachando com o juiz e conversando, tentando convencê-lo a desistir na base da conversa, do convencimento ali, verbal. E isso já eram cinco horas da tarde, e isso nós começamos a mobilização à noite, às oito horas da noite...

(C): Ninguém dormiu.

E: Ninguém dormiu. Já eram cinco horas da tarde e a gente lá naquela peleja né, e a polícia querendo...

(H): E eles ameaçaram vocês?

E: Ameaçavam, ameaçavam... chegaram a soltar bomba, gás de pimenta. E os meninos jovens a gente falando, “Se vocês tacarem uma pedra vai morrer gente, então vamos continuar aqui, fazer o que nós tamos fazendo, mas sem agredir os caras, que é tudo o que eles querem.

(C): Todas as estratégias, assim, dessa mobilização, o que fazer, o que não fazer, e como fazer, foi você ou teve um grupo?

E: Um grupo, porque tinham pessoas lá do MNLM, tinha o pessoal da União por Moradia, tinha os advogados...

(C): Foi uma estratégia traçada em conjunto?

E: Em conjunto. Aí até que por fim, já estava escurecendo, o dr. Leonardo ligou pro Baldez e falou olha: “Finalmente consegui convencer o juiz. Falei pra ele... o Dr. Leonardo disse: “Excelência, o senhor não vai desistir de fazer a remoção? Pois então, o senhor vai ter a responsabilidade em suas mãos, que muito sangue vai rolar na comunidade”. Aí diz que ele ficou todo estressado: “Tá bom, tá bom vou suspender”, e suspendeu.

(A): Essa foi a primeira mobilização que vocês fizeram contra despejo?

E: Foi uma das primeiras.

(H): E todas foram vitoriosas? Essas mobilizações contra despejos

E: Não, nem todas. Essa foi vitoriosa, teve uma outra também que contou com a participação do Carlos Minc, o ecologista, junto com o pessoal da direção do Jardim

Botânico, com aparato imenso de polícia, de repórter da Globo, Bandeirantes, enfim, pra remover a casa de um morador.

(MA): O Carlos Minc tava do lado do pessoal...

E: Do lado do pessoal do Jardim Botânico.

(H): Ah! Ele queria tirar vocês?

E: Queria! Queria tirar a casa de um morador, seu Moacir, que mora lá no 2040. Porque o cara coitado, ele desempregado, leva uma vidinha assim, bastante complicada, o que ele faz? Ele faz um serviço lá quando aparece de lanternagem, do lado da casa dele. E fizeram um estardalhaço, dizendo que era agressão ao meio ambiente, que era oficina mecânica em área de proteção ambiental, e que ia remover **[trecho ininteligível 01:10:54]**. O Minc só não apanhou naquele dia porque ele tem um anjo da guarda muito forte.

(A): Isso era mais pra cima, né?

E: Lá naquela área que o Moacir tava falando de fazer... o Solar da Imperatriz, foi justamente ali, naquele...

(A): Ali os moradores são mais pobres que você falou, né?

E: As casas são mais humildes.

(A): Tem alguma explicação... só pra pegar o gancho. Tem uma explicação por que o pessoal da Pacheco Leão é mais bem aquinhoado?

(H): Por que o pessoal da Imperatriz é mais pobre?

E: Nem todos, nem todos do Solar da Imperatriz, lá dentro do solar tem casas boas também, tem casas muito boas.

(H): Por que você acha que se concentram ali pessoas mais pobres?

E: Aí eu não sei, não tenho explicação.

(H): Chegaram depois?

E: Não, são famílias antigas.

(A): Tinham vínculo também com o Jardim?

E: Também, também.

(H): Conta pra mim, pra nós, uma experiência não exitosa. Onde a família foi despejada mesmo assim. O que você acha que faltou? Tinha apoio [trecho inaudível 01:11:57]?

E: A remoção do Marcelo.

(H): Tinha gente de fora também?

E: Tinha, muita gente. Não foi exitosa porque ele mesmo resolveu entregar os pontos. Ele não quis resistir. E nós já tínhamos... estávamos dentro da casa dele pra fazer a resistência, aí os policiais começaram a fazer a cabeça dele: “Nós vamos atirar, jogar bomba, a responsabilidade vai ser sua, manda esse pessoal sair”.

(A): E ele era muito envolvido?

(C): E das outras vezes houve essas mesmas ameaças, mas nunca fizeram nada disso? Essa violência nunca teve?

E: Não.

(C): Era só pra assustar mesmo, ele acabou...

(H): Mas eles jogaram bomba, você não falou?

E: Jogaram, jogaram... gás de pimenta. Eu tava dentro da casa a bomba caiu lá. Aí, depois disso, depois que eles jogaram, aí o Marcelo entrou em desespero: “Não, não, não quero mais resistência, não quero mais resistência, para, para!”. Aí ele resolveu, falou: “sai todo mundo que eu vou sair, não quero mais”.

(H): E cadê ele hoje, o Marcelo?

E: Ele tá morando de aluguel num apartamento de um amigo dele lá mesmo no conjunto residencial do Balança.

(A): Ele era muito envolvido com a associação?

E: Não, nada.

(A): Você acha que isso pode ter favorecido ele ter entregado os pontos assim?

E: Também, né. Porque assim, ele evangélico, e com aquela coisa de Deus não permite, Deus não vai permitir que eu parta pra reagir, né? Sei lá, pra resistir, aí bom, se ele que é o dono da casa não tá querendo...

(H): Não podia se impor a ele.

(C): Pois é... Gente, eu não sei o que vocês acham, se a gente pode dar uma revisada, se faltou alguma coisa que a gente deixou... A gente na verdade faz o roteiro, e o roteiro se autodefine ao longo, né?

(MA): No que a luta pela moradia significou? E o que significa?

[todos falam juntos 01:14:30]

(C): É porque ela falou uma coisa, uma hora assim, bem no começo sobre isso, achei superinteressante, e aí eu ia justamente falar que uma delas é que, a gente podia pra finalizar... essa fala sua... do que é a luta pela moradia, o que significou lá pra você e pra o grupo todo? E por que essa luta é tão importante?

E: A luta pela moradia pra mim, me deu, assim, outro sentido de vida, porque eu não tinha, assim... noção do quanto eu iria me envolver nessa questão da luta pela moradia. E depois que eu comecei a ver o quanto é frustrante, o quanto machuca as pessoas saber que um dia tá dentro da sua casa, e no dia seguinte pode ter tudo perdido, e as pessoas sem noção do que... do seu direito, e pensando dessa forma eu mergulhei de cabeça, na questão da luta pela moradia, na ajuda pela luta lá pela permanência da comunidade, isso deu um grande sentido na minha vida, deu um rumo assim... tocou aqui muito dentro de mim.

(H): Você é mais feliz agora, Emília?

E: Eu sim, foi uma coisa que me fez bem, me faz bem me doar por essa luta.

(H): Você acha que a comunidade reconhece?

E: Alguns reconhecem, mas eu nem ligo pra isso, pra quem não reconhece, eu acho que eu tenho que tá bem comigo mesma. Eu já pensei algumas vezes, até na última... interessante, que na última eleição da associação eu falei: “gente, eu não... vou jogar a toalha, vou passar a bola pra outro, que eu acho que eu já cumpri o meu papel nessa luta, nessa jornada, e vou apoiar quem queira... o próximo, a próxima gestão que assumir, continuar aqui a colaborar, mas não vou ficar mais não, vou cuidar do outro lado da minha vida, cuidar da minha família, daquilo que eu quero fazer, do meu futuro porque nunca é

tarde pra gente tentar fazer alguma coisa...”. Quando eu vi os rumos que a coisa ia tomar, que eu senti que tinha alguma coisa de obscura querendo se infiltrar ali através da eleição, e que não ia ser bom pra comunidade, eu falei: “Não, vou no fundo do poço, vou retomar o fôlego e vou brigar, continuar na briga”. Não dá pra jogar a toalha e entregar o ouro na mão do bandido, não.

(H): Você acha que mudou alguma coisa dessa luta de 2002 quando você começou pra hoje? Você acha que hoje mudou alguma coisa das formas de luta, dos adversários, das estratégias?

E: Mudou, mudou porque hoje quem manda é poder econômico, e a gente lutar contra o capital é pesado, tem que ter, realmente, consciência daquilo que a gente quer, se não, desiste porque eles são perversos, são assim, o poder que essas pessoas têm é concentrado num grupo seletivo, mas um grupo muito poderoso, e se a gente não tiver noção daquilo que quer, e não tiver vontade mesmo de continuar a briga, de continuar resistindo, desiste.

(A): Só pedir um esclarecimento, isso pode até ser discutido em outra entrevista. Quando você falou de infiltrado, o que exatamente você quer dizer com isso?

E: Eu em primeiro lugar, tenho um sexto sentido que às vezes me dá até medo. Aí eu vi que nós temos lá na comunidade pessoas que tem um alto poder aquisitivo que são amigas de moradores da comunidade...

(H): Ainda tem discriminação entre vocês e o pessoal do entorno?

E: Tem, ainda tem.

(H): Menos ou mais?

E: Tem menos, tem muita gente que tá aderindo mais a causa, depois eu quero até falar sobre isso, me pergunte o porquê. O que você falou? Ah é, quando eu vi que uma das pessoas que estava encabeçando a outra chapa estava sendo financiada por esse cara que é mau caráter, só visa dinheiro, e deu um prejuízo enorme em uma amiga que tinha um bar, que hoje é da esposa dele, falei: “Meu deus!”. E justamente no dia em que nós fizemos o último debate, eu falei: “Vamos fazer uma coisa bem democrática, uma eleição bem democrática, pra buscar participação da maioria dos moradores, que é pra gente poder tirar uma que tenha condições de dar continuidade na luta.”. Aí nós fizemos um debate na comunidade, e aí justamente no dia do debate, na mesa, o menino me citou o nome

desse mau caráter, precisou nem falar nada, só ele ter citado o nome da pessoa, ele foi rejeitado pela comunidade.

(A): Ele é morador?

E: Morador.

(MA): Aí teve a votação e ele perdeu?

E: Aí teve a votação, a nossa chapa..

(H): E aí você montou uma chapa..

E: montei uma chapa, eu não podia mais vir como presidente. Andei, e gente: “a gente a tá precisando de alguém aqui da comunidade pra ficar como presidente da associação, porque eu não posso mais, não dá pra mim, não tem como.” “A Emília, mais sem você... ai eu não posso, eu não tenho coragem”, eu falei: “se você não tem coragem pra fazer isso você vai perder sua casa, alguém de confiança tem que tá junto ali, tá de frente. Até falei com a Neusa, que a Neusa sempre foi da associação e ela nunca foi presidente, falei: “Neusinha, agora chegou tua hora”, “Não, pelo amor de Deus, isso eu não quero, me bota no máximo no conselho fiscal, mas a presidência eu não quero!”. Eu sei que foi no último momento, no último dia de registro da chapa, em cima da hora, nós fomos lá e eu fiz o registro da chapa da nossa...

(H): E quem é o presidente?

E: O presidente é o Emerson de Souza.

(H): Agora conta aí o que você queria contar. Que eu te perguntei da discriminação, se era maior antes ou agora, e você: “Ah, queria até falar uma coisa...”

E: Vocês acreditam que aquele fato que houve lá... aquela confusão toda na Rocinha, aquele desastre todo que teve lá que, aquele tiroteio, mortandade. Você sabia que depois disso... desse conflito todo, muita gente mudou de opinião em relação a comunidade.

(H): Por quê?

E: Hã?

(H): Por que você acha que isso aconteceu?

E: Sem noção, né? Uma senhora veio conversar comigo, “Ai, eu acho que a comunidade realmente tem que ficar, não tem como vocês saírem daqui, que essa área vai ficar totalmente vulnerável”, falei: “Pois é, a gente sempre falou isso”, “Você já imaginou como vai ser se a comunidade sair? Quando tiver um tiroteio na Rocinha os caras vão vir pra cá, vão morar aqui”, “Não, o pessoal da Rocinha não vai vir pra cá, não tem como, a distância da mata da Rocinha até... geograficamente não tem como”. Tá vendo? Até nisso aí eles são pilantras, cara. Quer dizer, os moradores da comunidade são o escudo que eles têm pro bandido.

(H): Bandidos que são ninjas né?

E: Depois disso, muita gente agora é amiguinha do Horto.

(H): Que gente interesseira!

E: Interesseira! Como é o ser humano, falei: “Meu deus, que isso?”

(C): E aí gente, vocês têm mais alguma coisa que ficou pra trás?

(H): Já tem duas horas.

E: Já?

(H): Tem não, são meio-dia e meio, uma hora e meia.

(C): A gente para aqui...

E: E dia vinte a gente termina?

(C): Vinte e seis.

(A): Vou te mandar a mensagem depois.

E: Eu vou colocar na bolsa que aí eu não esqueço, eu deixei em cima da mesa.

(A): Eu acho engraçado isso, porque eles elaboraram até projetos, até onde eu vi, muito... são nem projetos, são propostas muito sumárias. Pode ser sinal de que as coisas não foram pra frente [trecho inaudível 01:26:11]

[todos falam juntos]

(A): Mais um remanejamento do que... não teria despejo em momento nenhum...

E: Então, a gente pode usar isso como um...

(A): *Argumento. Essa postura dele por pra fora é mais recente, a postura antes era “tem moradias que são incompatíveis com o funcionamento do Jardim Botânico, mas elas só vão ser remanejadas”. Inclusive, nesse primeiro projeto [trecho inaudível 01:26:45] ele fala em expansão da área residencial, pra manter os funcionários do Jardim Botânico, fala em áreas verdes, áreas de lazer para os moradores. Era mais uma preocupação mesmo, precisa dar uma racionalizada no espaço, não pôr todo mundo pra fora. Eles mesmo estão com uma postura meio...*

[todos falam juntos 01:27:08]

(H): *Sabe se foi quando o pessoal do ICMBio chegou tomando conta dos parques? Ou o ICMBio não tem nada a ver com vocês lá?*

E: *Essa postura mais radical, o ICMBio tem a ver sim. Porque o mesmo procurador federal do ICMBio, é o procurador lá da questão do...*

(H): *Então, o ICMBio fez isso lá na Floresta da Tijuca, quando eles entraram, entraram com o pé na porta, pressionando os moradores.*

(A): *A impressão que eu tenho que sempre que há uma reestruturação dos órgãos, eles tentam... no caso do IBDF, começam a pedir plano de manejo de parque do Jardim Botânico em setenta e nove, passa por uma reforma administrativa. Eu acho que isso pressiona...*

(H): *Quem chega quer mostrar serviço.*

(A): *Exatamente! Precisa, porque o Parque Nacional da Serra dos Órgãos se expande ilegalmente, desmedidamente, inclui comunidades que já estavam...*

E: *Parque da Cidade?*

(A): *Parque da Cidade, não, o Parque da Serra do Órgãos, lá em Petrópolis*

(H): *Teresópolis.*

(A): *Petrópolis e Teresópolis. Áreas que já existiam como comunidade, e aqui aparentemente a mesma coisa, o Jardim Botânico não via problema nenhum... O Caxinguelê, no laudo ele fala que é 77, mas você falou que é final dos anos sessenta né? Isso seria legal ter essa data mais próxima, pra poder mostrar como eles mudam radicalmente, muito rápido. Se for 77 mesmo né? Pode tá errado a data [trecho inaudível*

01:28:43] eles deixam construir um clube...Seis anos depois começa a ver que tem problema esses caras estarem aqui... troço meio esquizofrênico né?

E: Eu vou ver lá quem tem documentação do clube. Tem até, inclusive... lá tinha diretoria, tinha tudo, e o pessoal deve ter livros de atas lá, de fundação. Vou perguntar lá.

(H): Funciona o clube?

E: Não, foi demolido. Foi reintegrado, debaixo também de bomba...Foi terrível aquele dia.

(H): E vocês tentaram defender, ou não?

E: Ihh, muita coisa. Fizemos a maior resistência ali, mas não adiantou não.

(H): Quanto tempo vocês ficaram resistindo ali? Mais de um dia? Um dia?

E: Um dia inteiro.

(H): E por que vocês saíram? O que fez vocês desistirem?

E: Desistir? Porque era muita polícia, muita bomba, muito gás de pimenta, o pessoal teve que dispersar na marra.

(A): E você acha também que o pessoal deve tá menos mobilizado pra defender o clube que a casa né?

E: É, também.

(H): E a própria polícia também tá mais interessada no clube que em uma casa. Um clube é um espaço imenso, estamos falando de mais terra que uma casa. E depois, uma família sempre mobiliza mais a opinião pública.

xxx

E: É verdade, e até porque o clube ali já tava praticamente privatizado. Na gestão do Lutz Vieira⁷, o que ele fez? Ele fez um acordo com esse empresário que queria cooptar o menino lá da comunidade, e passou parte do clube pra esse empresário administrar, o que ele fez? Ele fez... colocou grama sintética, fez uma churrasqueira de clube de primeira linha, aí ficou o clube a parte do primo rico, e a parte do primo pobre, onde nós fazíamos nossos encontros da comunidade, as assembleias, não tinha reforma nenhuma. Fizemos

⁷ Presidente do Instituto Jardim Botânico entre 2003 e 2013.

de tudo pra conseguir o apoio pra dar uma revitalizada, organizada, pelo menos uma quadra pra fazer esporte pras crianças, e nunca conseguimos, enquanto o outro vizinho ostentava. Sabe quanto ele cobrava ali na hora, pra jogar futebol? Trezentos reais cada time. Aí a reintegração do clube aconteceu por quê? Fizeram um acordo e receberam indenização, a tal indenização por benfeitoria.

(H): E ali deve ter sido uma bela de uma indenização.

E: Um comprou um pequeno sítio lá em Saquarema, acho que é Saquarema. O outro reformou o bar aqui, reformou o apartamento. E esse cara tentou cooptar a associação, nos convidou pra uma reunião com o advogado dele, “Não, Emília vamos fazer uma reunião, o Dr. Nélio quer conversar com o advogado de vocês, o advogado da associação, ele tem outros caminhos, outras facetas”, falei: “Por que ele não vem aqui conversar?”, “Não, vamos no escritório dele, o advogado de vocês, o escritório também é na cidade _ era o Rafael_ e a gente passa lá, toma um café”. Aí eu falei com Rafael: “O cara tá insistindo pra ter essa reunião, o que você acha?”, e Rafael: “Quer saber? A nível de curiosidade vamos lá ver o que ele tem a dizer”. Aí fomos lá na tal reunião no escritório desse Nélio aí, que é um advogado de nome, foi a mesma proposta que ele fez... que foi feita no clube. E falou: “Não, dr. Rafael, eu te chamei aqui pelo seguinte, nós temos aqui no meu escritório uma equipe, temos peritos, nós podemos colocar a disposição da comunidade pra fazer a avaliação dos imóveis, que isso é um serviço de alto custo, meu escritório está aqui a disposição. Porque não adianta vocês ficarem brigando por regularização fundiária que não vai acontecer”, olhei pra cara do Rafael, e Rafael: “Não, doutor, a nossa linha de atuação é outra, não queremos indenização. Sabe como é né? Morador mora ali... tem família que tá ali há mais de cem anos, então, a história da família vale muito mais do que qualquer valor. E outra coisa, morador vai sair dali e receber uma indenização e vai morar onde? Que garantias ele vai ter de ter a mesma qualidade de vida, a mesma segurança que ele tem lá no Horto?” Ele: “Não, vocês têm que repensar!, falei: “Não doutor, de jeito nenhum. Se tivesse me dito que era pra fazer essa proposta a gente nem teria vindo aqui, sabe muito bem o que a gente pensa a respeito de valores, de dinheiro, de indenização, não tem essa não”. E é esperto, né? Cada morador que recebe a indenização o advogado ganha um percentual. Quanto ele não deve ter tirado no clube?

(H): E os moradores trabalham ali na redondeza também? As crianças estudam por ali?

E: Uhum.

(H): *Porque isso também é uma coisa que se perde.*

E: Pois é, exatamente.

(H): *Os laços...*

[todos falam juntos 01:35:45]

Término [01:35:47]

Ficha técnica

Emília (Horto, Rio de Janeiro) - parte 2

Entrevista realizada pelo Projeto Memórias (ITERJ)

Transcrição: Natasha Barbosa - Projeto de Extensão UERJ - História e Memórias da Luta pela Terra e Moradia

Entrevistado: Emília (E)

Entrevistadores: Álvaro Ferreira A, Hermínia (H), Maria Carolina Amendolara C, Marcos Aquino MA.

Data: 26/09/2018

Duração: 1:35:48 parte 1

Local:

Páginas: 21

Revisão: Mario Brum

Maria Carolina Amendolara C: A gente parou mais ou menos em... a gente pode voltar um pouquinho, porque eu tava lendo aqui, e tem algumas perguntas que era bom dar uma retomadinha, ou você tem isso em mente? A gente já falou essa questão do clube...⁸

Emília (E): Uhum.

Álvaro Ferreira A: De certa forma essas coisas já foram abordadas. A não ser que vocês queiram...

⁸ Há uma conversa informal na gravação antes da entrevista começar.

C: Vamos voltar. Vamos partir da vinte cinco⁹, que fala da associação... dentro da Amahor quais as principais estratégias pra resolver o conflito fundiário que vocês têm lá na associação?

E: Bom, as estratégias são, assim, fazemos assembleias periodicamente, reuniões por área também, pra tá sempre em contato com os moradores, e de vez em quando também fazemos eventos culturais pra poder agregar as pessoas, não só os moradores, como também, buscar novos parceiros, enfim, tá agregando mais pessoas a nossa causa.

A: E vocês têm buscado também participação de universidade. Como foi o contato com o Ubiratan? Que elaborou lá o projeto urbanístico e arquitetônico.

E: Então, o contato com o professor Ubiratan surgiu através da Secretaria de Patrimônio da União, quando a Célia Ravera que era... estava na SPU, na gerência da regularização fundiária e a SPU resolveu então fazer, construir o projeto de regularização fundiária que seria não só para o Horto. Tinham três comunidades que estavam sendo beneficiadas por esse projeto, que era Juliano Moreira, uma comunidade lá em Niterói, Imbuí, se não me engano, e o Horto.

Sendo que a Juliano Moreira já tá bem avançado todo o processo de regularização, já construíram inclusive imóveis pra moradores, até inclusive, de outras áreas lá da Vila Autódromo, o pessoal que foi remanejado da Vila Autódromo pra lá. E em Niterói não sei se avançou também, e o Horto que tá empacado até hoje. Então, o nosso contato inicial com a UFRJ foi através da SPU, e a partir daí começaram a fazer o trabalho de campo lá na comunidade, com as entrevistas com os moradores, coletas de documento, trabalho topográfico, e estreitamos uma relação que dura até hoje, uma relação forte de amizade mesmo.

C: E como é que se dá a assessoria jurídica de vocês quando há ações de reintegração de posse?

E: A assessoria jurídica da comunidade também veio através do atendimento jurídico de departamento de faculdade... sempre de faculdades, assim, particular, que começou com o professor Miguel Baldez, quando ele era professor da Faculdade de Direito Evandro

⁹ A entrevistadora se refere ao número da pergunta no roteiro elaborado pelos entrevistadores.

Lins e Silva, aí depois ele passou a lecionar no Ibmec, e nós passamos pro escritório modelo do Ibmec...

C: É que o Ibmec comprou essa faculdade, não foi isso?

E: É, eu acho que sim, comprou a Evandro Lins. Passamos para o Ibmec, e lá já com atendimento também do Dr. Rafael Lamoca, que foi... que nos acompanha desde quando é estagiário do professor Miguel Baldez, e hoje continuamos com o Dr. Rafael, que hoje está na PUC, no NAJUP, Núcleo de Atendimento Jurídico da PUC. Então, é sempre... desde que nosso advogado, o último advogado particular que nós tínhamos que faleceu, o nosso atendimento jurídico é através de universidade particular.

A: E não tem nenhum morador que é formado em Direito, ou tenha atuação nesse campo jurídico?

E: Olha, tem até morador que se formou em Direito, mas não se especializou nessa área jurídica, até ajudam quando tem alguma necessidade nos plantões jurídicos junto com o pessoal da PUC, mas não faz um atendimento específico pro morador da comunidade.

C: Agora tem essa pergunta vinte e sete aqui, eu acho que um pouco a ver com que havia colocado na reunião...

A: Sim, falar um pouquinho dessa relação, como que tem sido... essa busca de você... falar desse processo que o Jardim Botânico deu de procurar novas áreas de compensação. Como isso tem sido? Como isso surgiu? O que vocês entenderam das intenções do Jardim Botânico? Falar um pouco disso.

C: E como você acha que isso pode se resolver? Que é um impasse.

E: Então, eu particularmente acho, assim como a maioria, grande parte dos moradores, que essa é uma exigência desnecessária, porque se eles aceitassem o que já tem construído, que é o projeto de regularização fundiária, que foi construído por um órgão federal, a pedido de um órgão do governo federal, e que teve um custo. E esse projeto foi elaborado com a participação dos moradores e toda técnica acadêmica necessária pra construção de um projeto pra regularização fundiária de comunidades, áreas de comunidades carentes. E seria a forma mais legítima e mais econômica de buscar... de encontrar uma solução pra esse conflito. Mas infelizmente o Jardim Botânico não vê dessa forma. E eles inclusive agora, como essa nova exigência do presidente do Jardim Botânico, quando ele coloca que, principalmente na nossa responsabilidade, tá apontando

áreas com possibilidade de remanejar as famílias que estejam dentro da área de interesse do parque... área essa que ele diz que é pra... Em benefício, que ele diz que vai ser disponibilizada em benefício da pesquisa botânica, ele nem apresenta um projeto. Que projeto é esse, não é? O que eles propõem pra essa área? Então, fica tudo assim no vazio, e causa o que? A falta de credibilidade na intenção deles com essa área, que a gente sabe perfeitamente que, principalmente hoje, com as relações que o Jardim Botânico tem com relação a quem gerencia aquela área, uma área federal, que está em poder de uma autarquia, então qualquer um.. Eles podem entregar a área pra qualquer pessoa, pra qualquer instituição, pra qualquer empresa, pra qualquer... sei lá, pra qualquer organização desenvolver o seu projeto.

E é isso que eu acho que vai acontecer, que o projeto na verdade, não é um projeto de pesquisa para o Jardim Botânico, é um projeto que vai beneficiar uma organização, ou um grupo empresarial que vê ali uma área que tem um potencial econômico muito grande, e nós vamos perder uma área muito importante da cidade do Rio de Janeiro, penalizando uma comunidade, uma população tradicional em benefício do capital, da especulação imobiliária... No Canto e Melo a família do Roberto Marinho já tá construindo um haras, numa área que é limítrofe com a área do Jardim Botânico. E o próprio Jardim Botânico já está construindo uma outra trilha ali por dentro do Caxinguelê que vai sair lá no Solar da Imperatriz, essa trilha pela mata, então, isso aí é uma área de servidão que eles estão construindo pra beneficiar o pessoal do Canto e Melo. Então, é um projeto que tá sendo meticulosamente... foi meticulosamente construído, e eles estão por debaixo dos panos começando a desenvolver.

A: Isso é uma visão sua ou mais difundida na comunidade? Segunda, é se isso já foi verbalizado perante o Besserman, que é o diretor do Jardim Botânico?

E: Verbalizar, eles não verbalizam, mas estamos vendo a movimentação.

A: Mas vocês já verbalizaram isso? Que as intenções deles seriam essas, de beneficiar capital imobiliário, que a remoção dos moradores seria só...

E: Sim, várias vezes.

A: E qual a reação deles?

E: Inclusive, recentemente o presidente da Amahor¹⁰ enviou um pedido de explicação sobre esse projeto que eles estão desenvolvendo no Caxingulê, e eles responderam que não tem nenhum projeto, não vão construir nada. Sempre negando aquilo que a gente tá vendo que tá acontecendo. Diariamente chegam caminhões e caminhões com material de construção, em horário, assim, à noite. Por que entrega de material de construção a noite? Quando o normal é fazer esse transporte durante o dia. Muita movimentação com trabalhadores entrando pela mata, estão desmatando, construindo uma trilha desnecessária quando já existe uma estrada que liga a entrada da Julia Kubistchek, no 235, ao Solar da Imperatriz, não tem necessidade de abrir uma trilha pela mata, isso aí já é o antigo projeto que vem lá da década de setenta, oitenta, quando os moradores lá do início da construção do Condomínio Canto e Melo reivindicaram uma passagem na servidão, e foi negada pelo IPHAN, mas agora está sendo construída por debaixo dos panos. Os próprios trabalhadores, tem muita gente que trabalha no Jardim Botânico, ainda mora na comunidade, eles mesmos falam desse desmatamento, e da construção dessa trilha.

A: O Jardim Botânico alega o que? Qual a explicação que o Jardim Botânico dá pra essa trilha?

E: Eles dizem que tão fazendo... que no clube, lá no Caxingulê, tinha uma arquibancada. Eles dizem que demoliram a arquibancada, e agora estão fazendo uma contenção.

A: Eu acho que você não respondeu. Qual a reação quando vocês confrontam com esses argumentos de que essa remoção é só uma desculpa esfarrapada pro capital imobiliário? Qual a reação do Jardim Botânico, como eles respondem?

E: Eles, diretamente nunca deram uma resposta pra associação ou pra algum morador. E pra eles isso é divagação da comunidade, que não existe essa história de relação com empresas ou indivíduos ligados a especulação imobiliária, mas eles não precisam nem afirmar isso, a gente... isso tá constatado, tá escrito, tá descrito na própria composição da direção de associação de amigos do Jardim Botânico, que é a associação que administra hoje o parque, e o peso dessa associação não é a diretoria, é o conselho fiscal, e nesse conselho fiscal só tem a nata da elite da zona sul. Então, tem a família Marinho, tem a família Mariani, dona do Banco da Bahia, o empresário Kaufman, são esses que mandam

¹⁰ Associação de Moradores do Horto

no Jardim Botânico. Então, o Besserman na verdade, é uma marionete que é manipulada por essas figuras. Eu me lembro que quando... do posicionamento do Liszt Vieira mudou radicalmente, que quando ele assumiu... quando o Liszt Vieira assumiu, a posse na presidência do Jardim Botânico, a festa de posse dele foi no Solar da Imperatriz, e nós fizemos questão de ir, falei “Eu vou e sentar na frente pra ouvir o discurso dele”, cara progressista, um dos fundadores do PT, aquela coisa toda...Partido dos Trabalhadores, ligado a direitos humanos. Enfim, o currículo do cara é extenso. Aí o discurso dele da posse foi que ele iria dialogar com os moradores em busca de uma solução para questão fundiária. Enfim, ali ele, na nossa esperança é que haveria a possibilidade de haver um diálogo pra pelo menos buscar uma solução decente pra todo esse tormento. Bom, isso aí foi na posse, o discurso dele foi esse, aí com o decorrer da gestão, com o passar do tempo, ele mudou radicalmente, mudou totalmente e começou a assinar embaixo as acusações contra a comunidade, chamando os moradores de invasores, traindo todo o histórico de vida dele. Mas por que isso? Por que ele agiu dessa forma? Pressão dos caras que mandam na instituição Jardim Botânico. Quem se senta naquela cadeira e não obedece aos caras não permanece. A pessoa que assumir a presidência do Jardim Botânico, e tiver o mínimo de hombridade, que não se vender, não fica no cargo, não fica. Não permanece mesmo. Vai assumir o cargo, vai assinar pela presidência do Parque, mas na verdade, não vai ser a pessoa que toma as decisões, entendeu? Ele tem que obedecer a um grupo.

O último discurso... na última reunião da câmara de conciliação lá em Brasília, eu fiquei analisando tudo o que o Besserman colocou, aí eu vi que realmente a minha linha de pensamento e dos companheiros da comunidade é bastante coerente. Nessa reunião ele teria que apresentar a proposta do Jardim Botânico pra uma solução pra toda essa situação, aí nós esperamos que minimamente alguém ia aparecer lá com um mapa, ou então um relatório construído com alguma proposta, ele chegou simplesmente lá com um calhamaço de papéis, de cópias, e começou a falar, a falar, falar... e nada de apresentar nada. Gente, o cara não trouxe absolutamente nada, “Eu trouxe aqui um dossiê, e nesse dossiê tem várias denúncias contra a Comunidade do Horto. E nessas denúncias a gente pode ver que a comunidade não é tão pacífica, que tem tráfico de drogas, tem bandido armado, tem mascarado...” tem tudo de ruim né? Aí eu falei, “Então, eu gostaria que o senhor mostrasse essas fotos pra gente do dossiê, porque é interesse nosso saber, se tem tanta coisa ruim, quero saber, é um risco pra todo mundo”, aí ele “Não, isso é coisa particular, não posso mostrar pra ninguém, só de interesse do Jardim Botânico”. Aí eu

falei: “Você está numa mesa de conciliação!” Onde ele teria minimante que apresentar as propostas dele pra área, uma solução, ele não levou absolutamente nada, ainda colocou... começou colocando que “Tudo que eu disser aqui, tudo que foi dito por mim aqui, é opinião minha, eu não estou falando em nome do Jardim Botânico”, falei: “Gente, ferrou, o que eu vim fazer aqui? O que nós viemos fazer aqui?” Se ele enquanto presidente do Jardim Botânico leva pra uma reunião dessa, importantíssima, uma ideia que é dele, quando deveria levar algo que tivesse sido construído oficialmente pelo parque, o que ele foi fazer nessa reunião? Não deveria nem ter ido. Aí eu sei que ele falou quase durante duas horas do que ele pensava como proposta, das áreas que ele abriria, que possivelmente, haveria a possibilidade de abrir mão, mas que teria que haver uma compensação, quer dizer, palavras o vento leva. No mínimo ele deveria ter levado um rascunho... rascunhado um mapa, e ter escrito ali, até de próprio punho, alguma coisa, mas nada disso.

A: Qual a intenção dele no teu entender com essas medidas?

E: Com essas medidas, a intenção dele... ele não tem nenhuma intenção, ele tem que obedecer a intenção da proposta dos caras que bancam o Jardim Botânico. E os caras não querem negociar! “Você não vai levar nada, o Jardim Botânico não vai apresentar nada, porque o que nós queremos é remover a comunidade e ponto. Você vai chegar lá e falar aquilo que você pretende, aquilo que você acha que tem que ser, porque de concreto, de oficial o Jardim Botânico não vai apresentar nada”. E é isso.

C: Isso foi quando?

E: A última reunião, foi mês passado, se eu não me engano no dia vinte de agosto, uma coisa assim.

A: E como que se dá esse contato com a diretoria do Jardim Botânico? Eles são tensos? Vocês conseguem ter acessos regulares a eles?

E: Não, só em caso de muita necessidade que a gente manda e-mail, ou então vamos lá direto no Jardim Botânico quando tem algum abuso contra morador, abuso excessivo contra morador. Aí nós vamos direto lá, reclamar e reivindicar, ou então vamos lá pra porta fazer protesto, conforme fizemos quando eles colocaram... Os oficiais de justiça estiveram na comunidade de manhã, sete horas da manhã, acompanhados de guardas, policiais armados da polícia federal, aquilo foi demais. As pessoas acordando de manhã,

senhorzinho acordando de manhã pra comprar pão e o cara armado na porta da casa dele pra entregar uma notificação, aí nós protestamos. Não havia possibilidade de diálogo, o Besserman: “Não tem, não quero, não tem o que conversar, isso não é responsabilidade do Jardim Botânico”. Se todas as ações são propostas pelo parque e acontece um absurdo desse a responsabilidade não é dele? É só do juiz? O juiz tá cumprindo religiosamente aquilo que tá sendo proposto pelo Jardim Botânico, não é? Então nós fomos lá pra porta e fizemos um protesto conforme tem que ser feito. E quando também houve outro abuso contra uma moradora da Major Rubens Vaz, passou mal de repente, e eles não queriam deixar entrar ambulância, não queriam de jeito nenhum que a ambulância do Corpo de Bombeiros, da Defesa Civil, entrasse lá pra atender a senhora. No dia seguinte nós fomos lá também pra reclamar, isso é falta de humanidade, que isso? E se a pessoa morre por falta de atendimento médico, a culpa é de quem? Aí o Besserman se desculpou e depois mandou um funcionário na casa dela pra saber se ela estava precisando de alguma coisa, mas queria colocar a culpa no vigilante. Falei “Não, E isso aí é covardia, porque ele recebe ordens.” Se ele agiu dessa forma é porque um superior mandou que ele fizesse. Não deixa entrar ninguém, ambulância, nem carro de funerária, não pode entrar nada, ele tá cumprindo ordem, é covardia jogar a culpa no pobre do vigilante, de uma ordem que veio de cima.

MA: Precisava entrar pelo Jardim Botânico pra atender?

E: Não, pela rua Major Rubens Vaz, 64. Essa rua Major Rubens Vaz, ela dá acesso ao parque, ao Jardim Botânico, e o que acontece? Nessa rua moram vários moradores, que apesar de estarem na área da Gávea também fazem parte da associação do Horto porque estão inseridos no conflito.

MA: Tem cancela, então?

E: Tem guarda, tem uma guarita na entrada. Não tinha, agora tem! E esse guarda, ele tem ordem de não deixar entrar nenhum serviço, tipo a Net¹¹. Deu algum problema na instalação da Net de morador, ele não podia entrar, agora tem que ir a pé, não pode ir de carro, quer dizer, são várias restrições contra o morador. E essa rua dá acesso não só aos moradores da Vila Major, que são reprimidos. Essa rua dá acesso aos visitantes que vão aos restaurantes caríssimos que tem lá dentro do Jardim Botânico, que vão pro Instituto

¹¹ Empresa de TV a cabo

Tom Jobim, que vão para as lojas de conveniência, e a repressão é só contra o povo que mora ali, uma bobagem. Tudo bem! Estacionar... Alguns moradores têm carro, a rua é estreita, não tem que estacionar ali dentro! Estaciona seu carro lá fora. Mas o acesso a serviço, principalmente de saúde não deve restringir mesmo.

A: Quando eles começaram a restringir? Quando eles começaram a pôr vigilante?

E: Foi agora no início de... os vigilantes... começou no início de 2018. Qque inclusive, o Jardim Botânico tem uma portaria, não sei nem se isso já foi publicado no Diário Oficial... e essas restrições, eles estavam utilizando em nome da portaria, sem a portaria ter sido publicada no Diário Oficial. A portaria não tá nem publicada, como vão querer, exigir e fazer uma restrição ao morador utilizando uma portaria que não é nem oficial? Aí depois desse conflito, eles ficaram de fazer uma revisão na portaria, um documento muito rígido, de um controle muito rígido que não cabe... estamos no século vinte um, os caras estão pensando em época da Ditadura? Nem na Ditadura a comunidade sofreu tanta repressão.

Na época da Ditadura, eu lembro, eu era bem jovem ainda, todos os presidentes moravam dentro do Jardim Botânico, onde hoje é a presidência, onde fica o castelo do Sérgio Besserman, era a residência dos presidentes da República. E olha, o convívio com os moradores era assim, nunca entraram na comunidade pra fazer nenhuma inspeção, não regulavam, tinha sim um horário um horário, um toque de recolher, como tinha na cidade toda, depois de uma certa hora cidadão não podia tá andando livremente na rua, mas a repressão que nós sofremos hoje nem na época da ditadura aconteceu.

C: E qual o papel da regularização fundiária nessa luta? 32:00

E: O papel da regularização fundiária é fundamental pra que o morador tenha, primeiro... Em primeiro lugar que tenha tranquilidade! Que melhore a qualidade de vida das pessoas, acabe com essa pressão e essa opressão de trinta e pouco anos que não faz bem à saúde de ninguém. Então, a regularização fundiária com a concessão do título de uso especial para fim de moradia, as pessoas iam viver tranquilas: “Tô titular, a casa é minha, e vou viver aqui, criar meus filhos e netos, sem mais perturbação nenhuma, acabou a história da repressão e da remoção”, principalmente, então, a regularização é fundamental para dar tranquilidade aos moradores.

A: Vocês têm contato com outras associações de moradores que estão em situações similares? Estão em terras públicas, sobretudo, federais... que sofrem...

E: Temos sim, tem na Ilha do Governador na comunidade Rádio Sonda, tem lá em Guaratiba, a comunidade maracajás também, tem a própria aidê na Vila Hípica, que também tava sofrendo muita repressão, e assim, todas essas comunidades fazem parte do Conselho Popular, e a gente é um ajudando na luta do outro, inclusive amanhã vai ter uma audiência pública da Defensoria Pública da União, que a pauta da audiência pública é justamente sobre a remoção dessas comunidades consolidadas.

871

C e MA: A gente vai estar lá!

E: Ah é?

MA: Vamos estar lá.

A Eu não porque vou estar em Campos.

C: E qual papel você atribui a associação de moradores? Fala um pouco disso, e também uma comparação de como elas estão hoje, de como elas eram das décadas de oitenta, noventa...

E: Das associações?

C: É.

E: Olha, a associação de moradores, assim, a finalidade é tá agregando. Fazendo trabalho pelo coletivo, em benefício do coletivo. Fazendo trabalho de conscientização dos moradores. Na medida do possível ajudando na questão social, de geração de renda. Isso quando tem possibilidade de fazer. Até porque, a gente vê a dificuldade de algumas associações estarem conseguindo serem inseridas nesses projetos sociais que os governos desenvolvem. Eu faço uma comparação: na comunidade do Horto, dificilmente, muito dificilmente, a gente consegue inserir a comunidade em algum projeto, seja da prefeitura, seja do governo do estado, seja federal... Enquanto na Rocinha, as pessoas, as instituições: prefeitura, o governo do estado, o governo federal, eles vivem ali buscando uma forma de estar desenvolvendo... Eu acho até justo, porque a Rocinha tem milhares de pessoas, de jovens, de idosos, milhares de pessoas necessitadas, carentes mesmo, que tem necessidade desse atendimento. Mas lá no Horto também é necessário. Nós temos jovens também! Que estão aí numa fase ruim com essa instabilidade que tá no governo, dificuldade de emprego, dificuldade de conseguir um curso pra obter uma geração de

renda. Assim, uma alternativa... E mesmo as crianças para terem um desenvolvimento, um lazer.

Na maioria das vezes nós temos que tomar a iniciativa pra desenvolver alguma coisa. Lá na associação, por exemplo, nós temos parceria com profissionais, é uma troca, nós cedemos a sede da associação pra elas desenvolverem o trabalho delas. Que é aula de cerâmica, corte e costura e artesanato. Aí, em contrapartida, elas dão o ensinamento pra mulheres e jovens da comunidade. E funciona desse jeito, principalmente a parte da cerâmica, que tem muitas pessoas de poder aquisitivo que são interessadas, então, esses que financiam o material pra quem não pode pagar. O material, o barro, usa muito, e não é barato. Cinquenta reais o quilo! E funciona dessa forma. E corte e costura também. A menina montou lá recebendo doação da ong daquele bloco... Suvaco do Cristo¹². A ong deles acabou e não tinham onde colocar o maquinário, então, doaram uma parte pra gente, e a menina que tá lá comigo, a Cristina, que tá lá dando aula... A Cris Dutra, ela era a professora lá no Suvaco do Cristo. E hoje ela tá lá com a gente no Horto. Às terças, quintas e sábado, é o dia que ela dá aula para as mulheres da comunidade, e os outros dias ela faz o que tem que fazer pra sobreviver, entendeu? Faz as costuras, dá aula particular também, que ela tem algumas alunas particular. E assim nós conseguimos desenvolver algum tipo de trabalho de geração de renda na comunidade. E fora isso, não investem. “Ah, tem conflito, é complicado”. Gente, todo lugar tem conflito! Depende do tipo de conflito, né? Na Rocinha também tem conflito... bala, coitado do povo lá, o tempo todo, isso também é um conflito. E lá no Horto tem um conflito fundiário que também abala muito a vida das pessoas. Mas enfim, já conseguimos muitos projetos que foram desenvolvidos, também lá, com parceria de ong, como no início nós tínhamos a biblioteca, campo da leitura, com a ong Ver e Agir, que também já não existe mais... a brinquedoteca rolante com parceria que continua até hoje com o CIESPI¹³ que funciona perto em uma área da PUC, e assim a gente vai desenvolvendo, a trancos e barrancos, vamos levando.

C: A gente tá nessa época de eleição, muda alguma coisa nessa época na relação de vocês com o poder público? Da associação de moradores... como é essa relação, tem diferença?

¹² Tradicional Bloco de Carnaval que desfila na Rua Jardim Botânico.

¹³ O CIESPI (Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância) é associado à PUC-Rio e dedicado ao desenvolvimento de pesquisas e projetos sociais voltados a crianças, adolescentes, jovens e seus elos familiares e comunitários.

E: Olha, não muda nada.

C: *Não?*

E: Não. Eu espero até que a gente consiga eleger alguém, principalmente, no governo do Estado, e na próxima eleição pro município, que tenha uma relação melhor com a comunidade. Por exemplo, a atual gestão da prefeitura pra gente conseguir alguma coisa tem que estar insistindo, insistindo, e batendo na porta, indo lá e brigando. Porque tá péssimo! Tá pior que a gestão do antigo prefeito, o Eduardo Paes.

A: *Conseguir o que?*

E: Na área da Comlurb, por exemplo, pra se conseguir a limpeza, uma ajuda pra fazer um mutirão, pra conseguir um caminhão pra dar um suporte, é complicado. É complicado. É complicado porque, é sempre aquela coisa do empecilho! Pra não dizer que não: “Ah, dia tal nós temos que estar em outro lugar, não tem caminhão disponível. ”. A relação atualmente com a região administrativa, a 6a. região administrativa, que é o órgão mais próximo da prefeitura que a gente recorre, é muito complicado, muito complicado.

A: *Mas não é uma comunidade também muito visada por candidatos nesse período eleitoral, muita gente vai lá?*

E: Essa época é.

A: *Nessa época é?*

E: Um exemplo: a Aspásia, candidata ao senado. E a Aspásia sempre teve assim, muito unida ao Liszt Vieira pra remover a comunidade, e agora na época da eleição chega lá e sempre encontra um infeliz...Nem é infeliz, o necessitado... Pra fazer companhia pra ela. O próprio Bolsonaro, aí meu Deus... eu fico revoltada! O que tem evangélico na comunidade fazendo campanha pro Bolsonaro! Eu fico assim... chega a me dar quase febre

A: *Mas tá sendo algo espontâneo, no caso? O Bolsonaro foi lá?*

E: Não! É espontâneo, espontâneo... não foi lá, não. Quem tentou ir lá foi o Índio da Costa, tentou, mas não teve coragem. Ele também é outro que é rejeitado por 99% na comunidade. Nessa época sempre aparece os oportunistas,. Esses partidos que votaram contra a reforma trabalhista. Eu digo: “Gente, pelo amor de Deus, escolhe um candidato que não seja, principalmente, desses partidos que votaram contra os nossos direitos lá em

Brasília! Não adianta. Você tá ganhando seu dinheirinho hoje, aí o cara se elege, e vai lá pra Brasília votar contra a gente. Ainda não terminou o pacote de maldades não!” Até dezembro ainda tem muita coisa pra acontecer, e ano que vem, se eles já deixarem construído vai ser difícil de desconstruir. Infelizmente a população não tem muita noção, ainda bem que não é a grande maioria, é um grupo pequeno.

MA: Não sei se eu perdi essa parte, tem igrejas evangélicas dentro da comunidade?

E: Dentro não, mas tem próximo.

MA: E tem alguma relação das igrejas com a associação de moradores? Alguma articulação, ou nada?

E: Não, tem não.

C: Fala um pouco sobre a atuação do seu irmão na comunidade...

E: O Edson?

C: *É.*

E: o Edson nasceu lá na comunidade. Então, desde que ele se elegeu vereador que ele de alguma forma tentava, dentro do mandato, tá ajudando a nossa luta de alguma forma. Tanto que ele quando vereador, ele tentou, foi até na gestão do prefeito Cesar Maia, aprovar um projeto da AIES¹⁴ pra comunidade do Horto. Isso aí foi uma polêmica que a Zona Sul quase explodiu! E o projeto tá arquivado na câmara até hoje. O Reimont¹⁵ tentou colocar novamente em votação, mas não consegue avançar. Mas o Edson enquanto parlamentar sempre ajudou muito. Apanhou muito da mídia por defender os moradores, por defender a comunidade, os amigos! Porque ele nasceu ali, tanto que ele foi muito rechaçado pela mídia. Principalmente o pessoal da Zona Sul, que começaram a fazer uma campanha contra a reeleição dele justamente por ele defender os invasores. **[toque de celular]** Aí começou aquela enxurrada de matérias negativas que acabaram interferindo na vida política dele. Uma vez nós estávamos lá em Brasília. **[toque de celular]** Fomos pra uma audiência pública lá em Brasília e aproveitamos pra distribuir o manifesto nos gabinetes para os deputados. Aí fomos no gabinete de vários deputados, alguns assinaram,

¹⁴ Área Especial de Interesse Social: instrumento legislativo que no Rio de Janeiro tem sido aplicado principalmente à área de favelas como forma de aproximar a realidade local das construções e padrões urbanísticos à legislação existente, flexibilizando-a em relação ao entorno.

¹⁵ Reimont Luiz Otoni Santa Bárbara, vereador do Rio de Janeiro pelo PT que em 2022 encontra-se em seu 3o mandato (2012-2016; 2016 -2020; 2020-...).

outros não estavam, e aí chegamos no gabinete do Bolsonaro. Eu ainda falei pra menina: “Bia, eu acho que a gente não deve entrar no gabinete dele”, “Não, vamos lá, temos que ir no gabinete de todos eles”, falei o seguinte: “Você vai e eu vou pra outro gabinete”. Alguma tava me... sabe? “Não vai, não vai ser legal”, aí ela foi pra lá e eu fui pra outro gabinete. Aí depois nós nos encontramos e ele tava... chegava a estar pálida, quase desmaiando: “Nunca fui tão destrutada na minha vida”, e eu falei: “O que houve?”, “Ai... o Bolsonaro... mostrei o manifesto pra ele, pedi um apoio, ele quase me botou pra fora do gabinete dele. Ele falou que não apoia invasor! Que todo mundo tem que ser despejado! que nós temos que ser despejados, não tem que ficar ninguém ali, que isso tudo é Edson Santos, defensor de invasores”.

C: Se fosse hoje vocês não entrariam mesmo, porque já saberiam...

E: É... e hoje esse cara tem gente na comunidade fazendo campanha pra ele. Olha, se ganhar, se Deus quiser não há de ganhar, pode preparar as malinhas que se ele se elege, a partir do mês de janeiro, primeira coisa que ele vai fazer vai ser começar a despejar todo mundo.

C: E outras coisas mais

E: E outras coisas mais né? Coisas terríveis.

C: E dentro do PT? Houve divergência em relação a demanda da permanência?

E: Houve divergência, principalmente desses petistas de carteirinha da Zona Sul. A maioria deles são contra a comunidade.

A: Quais argumentos eles usam?

E: Hã?

A: Como eles argumentam?

E: “Um absurdo, vocês moram dentro do Jardim Botânico, a comunidade tem que sair!” O argumento é esse.

C: Ué? Ou seja, não é um argumento, é uma exclamação!

E: É uma exclamação, falo assim: “Vem cá, você tá falando isso, já conhece, já andou lá na comunidade? Sabe como é e onde fica a comunidade? Onde começa a comunidade? Conhece o Jardim Botânico?”, “Não, mas isso aí, todo mundo sabe, o Doutor Liszt mesmo

falou que a comunidade invadiu o Jardim Botânico!” Quer dizer, o nosso maior inimigo dentro do partido se chama Liszt Vieira, e seguindo ele, Isabela Teixeira, e toda essa cambada aí da elite da Zona Sul, que vive tomando cafezinho com os globais.

MA: O Bittar, ele é aliado, fez alguma coisa?

E: Não, é outro que nunca fez! Nada! Nem contra nem a favor. Audiências pública que nós tivemos várias em Brasília, poucos parlamentares do PT apareciam, pouquíssimos... nem o Molon quando era do PT, nunca, nunca foi na comunidade! Sempre disse que apoiava: “Não, eu apoio a comunidade”, mas ele fisicamente nunca apareceu numa remoção, num debate. Só mandava os assessores, quer dizer, quem tem mandato é ele, não a assessoria.

A: Tinha um partido ou algum político que se fazia mais presente nessas horas? Além naturalmente, do seu irmão.

E: Não, no próprio PT tem vários parlamentares que sempre estiveram junto com a gente: o Eliomar Coelho, que vieram do PT e é Psol. Sempre que a gente precisa ele tá junto. O próprio Chico Alencar sempre apoiou a gente, e vários outros, vários... de outros partidos, independentemente de ser PT ou Psol, temos vários aliados políticos ali, vários parceiros.

C: E tem projetos governamentais sendo desenvolvidos lá no Horto atualmente?

E: Não

A: Mas já teve antes?

E: Hum?

A: Teve algum antes?

E: Projeto social?

C: Do governo, é!

E: Nada. Tem um projetinho lá de capoeira que tá lá agora acontecendo com as crianças, aos sábados de manhã. Aí eu achei legal, achei bacana, a gente tava até mandando as crianças irem pra lá... Agora tem um projeto de... da Laura Carneiro, só acontece em época de eleições.

C: E o ITERJ, qual foi o papel na luta?

E: O ITERJ sempre teve um papel... O ITERJ tem um papel histórico na construção do nosso direito. Porque na verdade a proposta de regularização começou com o ITERJ. Tanto que o primeiro cadastro socioeconômico foi feito pelo ITERJ... todo o levantamento topográfico começou a ser feito pelo ITERJ, aí depois de quase tudo concluído e tal. Aí o governo federal... o ITERJ teve que se afastar, se retirar por conta da competência, o ITERJ é um órgão do estado e a questão é federal. Aí voltamos novamente pra cá, à deriva. Mas todo o apoio, até cartográfico mesmo, muita coisa que nós temos conseguimos através do ITERJ.

C: Em que ponto tá isso? Quais são as expectativas em relação a legalização?

E: Bom, nesse momento a gente não tem certeza de que nada vai acontecer. Final de governo, essa bagunça que tá aí no governo federal. Essa instabilidade toda que está, e ninguém vai querer se arriscar a dar nenhuma canetada nem pro bem, nem pro mal, principalmente em época de eleições. Agora, período após as eleições que já tô falando com os moradores: “Vamos nos preparar, que depois das eleições tudo vai recomeçar e com uma força acelerada.” Porque... eles têm, o Jardim Botânico tem um tempo determinado pra cumprir as metas do TCU, que são cinco anos, e o Besserman tá em final de carreira, certamente ele vai querer deixar a marca dele nessa história. E deve querer acelerar até o mês de dezembro, início de janeiro, ele deve querer acelerar os procedimentos da remoção de algumas famílias.

A: Deixa eu voltar um pouquinho, como se deu o contato da Amahor com o ITERJ? Como que se deu esse contato?

E: Foi bem no início da minha gestão na associação. E isso foi através de um amigo do movimento por moradia, o Eduardo Novaes, que na época ele fazia parte da... esqueço o nome do movimento, depois vou me lembrar. Ele fazia parte do movimento por moradia e tava sempre acompanhando as questões lá do Horto, inclusive, foi ele que também me apresentou a Bento Rubião. Aí ele... marcamos um dia, e ele: “Vamos tentar marcar uma reunião com o pessoal do ITERJ”. Aí nós fomos, nessa época era até a Célia Ravera, que tava no ITERJ. E a nossa relação com o ITERJ começou por aí e continuamos até hoje.

C: Tem uma pergunta aqui, meio fora do contexto, mas é porque a gente anda aqui pensando num projeto pra tentar disseminar nas comunidades de horta urbana. Vocês conhecem algum projeto desse tipo? E tem alguém lá que já se interessou em desenvolver isso, fazer uma horta no quintal de casa?

E: Nós temos interesse, inclusive, a gente tá tentando preparar um terreno que tem atrás da sede da associação pra fazer uma horta. E até mesmo os moradores que tiverem espaço e vontade de tá fazendo no quintal.

A: *Quando você era criança você tinha lembrança de que as pessoas tinham horta na época?*

E: Tinha, minha mãe plantava tomate, couve, cebola, cenoura... Nós comíamos muita coisa do quintal, que ela plantava... salsinha...

A: *Isso se perdeu em algum momento?*

E: Não, tem muita gente que ainda tem, as pessoas ainda têm. Mas tem que fortalecer essa cultura. Porque a terra ali é muito propícia pra plantação. Inclusive tem até os meninos... um vizinho que mora próximo lá de casa, o Carlos Henrique. A gente já conversou, já fiz essa proposta pra ele de fazer a horta na associação, pra ele cuidar da horta e ajudar na colheita, ser responsável por comercializar com o pessoal do entorno, e a gente tá querendo desenvolver isso, se vocês puderem ajudar...

C: *Com certeza vocês entrarão na nossa lista do projeto...*

Carlão (Ca): *Eu ia complementar isso, até no sentido dessa coisa de projeto, a comunidade do Horto é mais um espaço de residência, de moradia, ou também um espaço de construção de subjetividade, desenvolvimento de atividades culturais, econômicas?*

E: Não... É mais de moradia.

Ca: *Mais de moradia...*

A: *Aquele setor que era de oficinas mecânicas, era no Grotão? Não lembro.*

E: É, tinham algumas oficinas ali, mas não tem mais.

A: *Essas atividades sumiram, hoje não tem mais?*

E: Não, só assim, um morador que eu tenho lembrança no momento, que de vez em quando ele ainda faz conserto de alguns carros próximo a casa dele, mas oficina mesmo como oficial, não tem não.

A: *Sumiram por pressão do Jardim Botânico? Ou sumiram por que passou a ser desvantajoso?*

E: Assim, por uma questão de... até de interesse do morador, de entender que não é uma opção de trabalho benéfica pra causa. E inclusive nós tivemos um sério embate com o Carlos Minc, ele ainda era do PT, justamente por conta de uma oficina mecânica que é onde o seu Moacir mora, que ele consertava os carros na frente da casa dele. Aí aquilo ali começou a ser alvo de perseguição do Jardim Botânico. Aí, um belo dia de manhã, como sempre, eles adoram bater palma na casa dos outros pra acordar, chegou o Carlos Minc com um contingente de guardas do Jardim Botânico e com o diretor do Jardim Botânico na época, Celso Bredariol, imprensa... Tinha Globo, tinha Tupi, tinha Record, um monte de fotógrafo. Aí o pessoal percebeu aquilo, correram e fecharam... Lá na área do Solar da Imperatriz! Aí os moradores fecharam a entrada 2040 e não deixaram que eles avançassem. Nós corremos, quando eu cheguei lá: “Que circo é esse? o que tá acontecendo?”, aí o Carlos Minc começou: “Não é circo, não! Nós vamos remover a oficina e o morador dono da oficina!” aí eu falei: “Ah, mas não vai mesmo! Duvido que você vá conseguir!”. Aí os moradores, um monte de gente... moradores correram, fizemos barreira na porta da casa, na entrada, próximo à entrada da casa do Moacir, e começou o embate. Sei que o Minc quase apanhou, só de mim ele tomou uns três empurrões. “Joga na ribanceira que é lucro”. E eles não conseguiram remover a oficina do Moacir, bom, daí então...

A: O Seu Moacir da ...

E: Não, outro senhorzinho que tem lá. Daí então, gerou um processo contra ele no Ministério Público Federal. E ele foi condenado... réu, condenado nesse processo e tinha uma multa de valor imenso pra pagar. Aí os advogados conseguiram e recorreram. E ele pagou com serviço, prestando serviço lá... Olha que humilhação, prestando serviço no Jardim Botânico, uma pessoa com setenta e pouco anos. E aí ia pra lá, ajudava a varrer, ajudava a limpar o canteiro, não só ele, como outros moradores também já foram penalizados. E hoje tem uma senhora, Lisete, que mora no Morro das Margaridas, ela hoje tá com mal de Alzheimer e tá respondendo processo no Ministério Público por crime ambiental. Quer dizer, o juiz já deu uma sentença. Só que o advogado recorreu, que ela também teria que prestar serviços no Jardim Botânico... nem era no Jardim Botânico! Era no restaurante que tem dentro do Jardim Botânico, descascando batata. Você imagina uma pessoa com Alzheimer trabalhando em restaurante descascando batata, falei: “Jaqueline, eu sei que é maldade, mas dá vontade de deixar sua mãe ir cumprir essa pena.

Queria ver ela naqueles ataques de fúria com a faca na mão dentro do restaurante”. Não é? Pessoa com Alzheimer de repente surta...

MA: Recorreu e ganhou, ou não? Teve que cumprir?

E: Não, não, o advogado recorreu e teve que apresentar... ainda tá... essa semana mesmo... semana passada ela foi ao médico. O médico apresentou um laudo que o juiz não aceitou. Aí teve que dar um outro mais consistente e o advogado vai apresentar lá no processo pra...

A: Então, esses conflitos da comunidade com o Jardim Botânico aparecem de múltiplas formas, né? Não é só essa coisa do despejo, mas...

E: Sim, de várias formas, principalmente pra constranger o morador, principalmente!

C: É uma ideia construída, na verdade, não é... as pessoas, elas reproduzem simplesmente uma ideia que foi e que é reproduzida pela mídia...

E: Exatamente.

C: Sem o menor conhecimento do que se passa, e do que se passou.

E: É verdade.

C: É... eu acho que tem várias aqui que já foram faladas, eu acho que a gente já pode encaminhar pro final, que são algumas perguntas assim, bem subjetivas...

E: Falta muita coisa ainda?

C: Não! São essas perguntinhas finais sobre a moradia, o que ela significa pra você?

E: Moradia pra mim, não é só uma casa pra morar. Moradia é toda uma... um projeto da vida da pessoa. Ali constrói afetividade, constrói não só os laços familiares. Mas a afetividade com todo o entorno. E isso tem que ser preservado, tem que ser respeitado, porque é uma história, é um histórico da memória da pessoa. E isso quando é interrompido é um prejuízo muito grande pra vida do ser humano.

C: Você se considera uma liderança?

E: Eu... Me construíram como liderança. Porque eu não tinha pretensão nenhuma de tá nesse papel... nunca tive, nunca tive, sinceramente, eu nunca me vi nesse papel de...

C: E o que significa ser uma liderança? Ser construída como liderança, o que significa isso?

E: Quando eu digo que me construíram, eu acho que foi necessário eu me aceitar nessa liderança, uma necessidade. Porque a partir do momento que você vê que pessoas, amigos, acreditam e te veem como liderança. Então, eu tive que aceitar. Não foi uma coisa espontânea minha de aceitar e de brigar por um cargo na associação...

C: Você fez coisas e essas coisas que você fez, foram mais ainda...

E: Tudo aconteceu de uma forma gradativa, de acordo...

C: Reforçando essa...

E: A necessidade, de acordo com o momento, e as ações foram surgindo, foram fortalecidas por parceiros fortes também, e foi construída assim, essa posição de liderança. Que por mim eu não teria procurado esse caminho, entendeu? Muita gente entra... a maioria das pessoas entram assim: “Eu vou disputar! Eu quero! É isso que eu quero pra minha vida!”. E foi num momento que eu não tinha nenhuma pretensão a isso. Aí eu recebi assim um chamado! Eu penso até que nem... não é só... eu sou uma pessoa muito mística. Eu acredito que não foi somente um chamado que partiu dos companheiros aqui do meu convívio. Mas é uma coisa mais também espiritual. Uma coisa muito forte que impulsiona. Que às vezes tem momentos que acontecem coisas que eu penso que seria o limite, falar assim: “Pô, não tem como mais lutar contra isso, não tem como resistir, não tem como... “ “Não, tem! E você vai! Você vai fazer, você vai conseguir e você vai aguentar!” Você vai ver aquela força, flui não sei de onde...

C: Você acha que se não fosse esse seu papel a frente as coisas seriam diferentes?

E: Não. Eu acho que outros teriam capacidade.

A: Quais os atributos que você vê na liderança? O que é necessário?

E: É muita... Eu não sei o que é necessário, eu sei que você...

C: Mas alguém precisava estar a frente ou você acha que a própria comunidade...

E: Alguém precisava tá a frente. Sempre tem alguém que precisa tá a frente. Mas tem a questão da aceitação e do compromisso. Porque muitos assim... muitas vezes as pessoas não aguentam a pressão. Mesmo não estando no cargo principal, na frente da liderança...

peessoas que se colocam, que se predispõe a fazer parte da própria diretoria, não aguentam a pressão, não aguentam e se afastam. Ficam doentes, caem em depressão. Uma série de fatores que abala as pessoas e que não permite que elas continuem. Que deem continuidade na resistência, ali na luta. Eu agradeço a deus todos os dias que eu acordo, tô com disposição pra mais um dia, pra mais uma etapa, até quando deus permitir.

C: Tá bom, obrigada.

E: Não há de quê. Eu que agradeço. Espero ansiosa pela obra.

A: Vocês dois também estavam interessados em visitar a comunidade? Eu já sei dos lugares, onde fica a oficina... Mas eu mesmo nunca fui (risos).

E: Vamos marcar.

A: Eu queria dar uma olhada...porque o Moacir meio que me contestou e tal. Mas de fato algumas dessas construções foram do Jardim Botânico. É uma parte ínfima dentro do conjunto. Eu tenho interesse pra entender que, se porventura o processo de ocupação tá vinculado a uma agregação em volta dessas moradias funcionais, enfim...pra também entender melhor como tá ali.

C: Vamos sim.

E: Vamos.

A: Quando vocês puderem...

E: Vocês têm preferência por dia? Dia de semana?

C: Pode ser dia de semana, né?

A: Pode.

E3: Qualquer dia de manhã por mim tá tranquilo.

C: Qualquer dia...

E: Vou combinar com o Emerson, que aí se eu não puder, ele faz a caminha com vocês.

C: Ótimo!

A: E aquilo que eu tinha falado com o Moacir de manhã, se puder ter acesso a esses materiais, esses processos, não sei se vocês têm cópia...

E: Que processos?

A: *De reintegração?*

A: *Do MPF contra a oficina ou contra a senhora...*

E: Posso ver o número.

A: *Ou se tiver porventura, outro material, eu vou lá um dia e tiro foto. Não sei, vocês têm acesso a esses processos lá ou só sabem da existência deles?*

E: Não, eu tenho até o telefone do advogado que faz a defesa da ...

[FIM DA ENTREVISTA]

[01:14:21]